

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PARA UMA COMPREENSÃO DA
MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA NA
PERSPECTIVA DA REMODELAÇÃO
IDENTITÁRIA**

Eliana Novais da Silva

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PARA UMA COMPREENSÃO DA
MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA NA
PERSPECTIVA DA REMODELAÇÃO
IDENTITÁRIA**

Eliana Novais da Silva

Dissertação, orientada pelo Prof. Doutor Manuel Matos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2010

AGRADECIMENTOS

Antes de iniciar a apresentação da dissertação, gostaria de expressar a minha gratidão a todas as pessoas que, directa ou indirectamente, me acompanharam e apoiaram na elaboração desta.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Professor Doutor Manuel Matos, não só pelo apoio, a disponibilidade e a sabedoria que mostrou e transmitiu durante todo o processo de elaboração deste trabalho, como também por ter sido uma verdadeira inspiração no meu percurso académico.

Quero igualmente agradecer ao Professor Doutor João Justo por todo o apoio prestado, tendo este sido imprescindível para a realização do trabalho.

Um obrigado sincero a toda a equipa da Associação Humanidades, à Escola Secundária Jacome Ratton, em particular à Professora Doutora Maria da Graça Lopes Carvalheiro, e a todas as meninas que aceitaram participar nesta investigação.

À minha família, um grande e sincero obrigado pela paciência, por todo o apoio e por nunca terem deixado de acreditar em mim.

Por último, quero expressar um grande obrigado ao Alex, à Mafalda e à Bárbara, não só pela paciência que tiveram como também pela muita força que os três me deram do início ao fim deste trabalho.

Resumo

O presente estudo teve como objectivo averiguar se a maternidade na adolescência pode resultar de um fracasso ao nível da remodelação identitária. A partir da revisão de literatura, decidiu-se que o narcisismo, os mecanismos de defesa e a ausência paterna seriam as variáveis indicadas para avaliar o objectivo enunciado. Para este efeito, optou-se por realizar um estudo comparativo entre a população das mães adolescentes (grupo experimental) e as adolescentes não mães (grupo de controlo). Cada um dos grupos contou com a participação de 16 adolescentes, o que resulta num total de 32 participantes. Metodologicamente, optou-se por utilizar quatro instrumentos: (1) questionários sócio-demográficos; a escala de Graffar, o *Narcissistic Personality Inventory* (N.P.I.) e o *Defense Mechanism Inventory* (D.M.I.).

Os resultados indicam que apenas uma das cinco hipóteses elaboradas para este estudo parece ser corroborada. A ausência paterna é então a única variável que parece estar correlacionada significativamente com a maternidade na adolescência, podendo indicar o esperado fracasso da remodelação da identidade.

Palavras-Chave: maternidade na adolescência; fracasso na remodelação identitária; ausência paterna; narcisismo; mecanismos de defesa;

Abstract

The purpose of the current study was to investigate whether adolescent motherhood can be due to a failure of the process of identity reformulation. Based on the literature revision, it was decided that narcissism, defense mechanisms and the lack of a father figure would be the indicated variables to evaluate the mentioned objective. To this end, it was decided that this would be a comparative investigation between adolescent mothers (experimental group) and adolescents who weren't mothers (control group). Each group counted with the participation of 16 teenagers, which adds up to a total of 32 participants. Methodologically, it was decided that four instruments would be used: (1) socio-demographic questionnaires; (2) Graffar Scale; (3) The Narcissistic Personality Inventory (N.P.I.) and (4) the Defense Mechanism Inventory (D.M.I.).

The results indicate that only one of the five hypotheses created for this investigation seem to be corroborated. The lack of a father figure is the only variable that seems to be significantly correlated with adolescent motherhood, and could indicate the expected failure of the identity reformulation.

Key Words: adolescent motherhood; failure of identity reformulation; lack of father figure; narcissism; defense mechanisms

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo 1- Revisão de Literatura.....	2
1.1. A remodelação identitária na puberdade e na adolescência.....	2
1.1.1. A construção da identidade da infância à adolescência.....	3
1.1.2. A construção da identidade na infância.....	3
1.1.3. A construção da identidade na puberdade e na adolescência.....	9
1.1.4. O fracasso do processo de remodelação identitária.....	12
1.2. A construção da idealidade no Eu.....	16
1.3. A problemática do Eu ideal e a sua transformação em ideal do Eu.....	17
1.4. A maternidade na adolescência enquanto fracasso ao nível da remodelação identitária.....	20
1.4.1. Aspectos psicossociais da maternidade na adolescência.....	20
1.4.2. Aspectos psicológicos e psicopatológicos das mães adolescentes.....	20
Capítulo 2- Objectivo e Hipóteses do Estudo.....	23
Capítulo 3- Método.....	25
3.1.1. Escala de Graffar.....	25
3.1.2. Questionários Sócio-Demográficos.....	25
3.1.3. <i>Narcissistic Personality Inventory</i> (N.P.I.).....	26
3.1.4. <i>Defense Mechanism Inventory</i> (D.M.I.).....	27
3.2. Participantes.....	29
3.3. Procedimento.....	29

Capítulo 4- Análise dos Resultados.....	31
4.1. Análise estatística.....	31
4.2. Caracterização da amostra.....	31
4.3. Testagem das hipóteses do estudo.....	32
4.3.1. Hipóteses 1 e 2.....	32
4.3.2. Hipóteses 3 e 4.....	33
4.3.3. Hipótese 5.....	35
4.4. Análise complementar sobre os resultados obtidos no D.M.I.....	36
Capítulo 5- Discussão e Conclusões.....	37
5.1. Discussão dos resultados.....	37
5.2. Limitações do estudo.....	39
5.3. Pertinência do estudo.....	39
5.4. Futuras investigações.....	40
Bibliografia.....	41

ANEXOS

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

D.M.I. – *Defense Mechanism Inventory*

N.P.I. - *Narcissistic Personality Inventory*

TAO – *Turning Against Object*

PRO – *Projection*

PRN – *Principalization*

TAS – *Turning Against the Self*

REV – *Reversal*

n.s. – nível de significância

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Resultados médios obtidos no N.P.I.....33

Tabela 2- Resultados médios obtidos no perfil TAO.....33

Tabela 3- Resultados médios obtidos no perfil PRO.....34

Tabela 4- Cálculo do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a variável grupo mães adolescentes e o perfil PRO.....34

Tabela 5- Frequência de ausência paterna nas adolescentes não mães.....35

Tabela 6- Frequência de ausência paterna as mães adolescentes.....35

Tabela 7- Cálculo do Coeficiente Correlacional de Spearman entre as variáveis grupo mães adolescentes e a ausência paterna.....36

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de uma investigação que se propôs a averiguar se a maternidade na adolescência está correlacionada com o fracasso da remodelação identitária. Este foi realizado sob a perspectiva teórica psicodinâmica.

Neste sentido, na revisão literária procedeu-se a uma descrição do processo de construção e colapso da identidade e das características psicossociais e psicológicas das mães adolescentes. Desta maneira, foram identificadas variáveis psicológicas e psicossociais centrais para a elaboração deste estudo: o narcisismo; os mecanismos de defesa e a ausência paterna. As hipóteses elaboradas para este estudo vão ao encontro da informação apresentada nesta secção.

Decidiu-se realizar um estudo de comparação entre duas amostras: uma amostra experimental (mães adolescentes) e uma amostra de controlo (adolescentes não mães). Metodologicamente optou-se por utilizar quatro instrumentos: A Escala de Graffar; o *Narcissistic Personality Inventory* (N.P.I.); o *Defense Mechanism Inventory* (D.M.I.); e um questionário sócio-demográfico, construído a partir das características psicossociais apresentadas na revisão literária, com o fim de permitir a avaliação destas.

A presente dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. O primeiro corresponde à revisão de literatura. Neste capítulo é apresentada toda a teoria que está na origem da criação das hipóteses que irão guiar o resto do estudo. No segundo capítulo, é apresentado o objectivo do estudo assim como é explicado o enquadramento teórico que conduziu à formulação das respectivas hipóteses, que são depois apresentadas. O terceiro capítulo corresponde à metodologia, na qual são descritos os quatro instrumentos utilizados neste estudo, os participantes e o procedimento adoptado. Já o quarto capítulo diz respeito à análise dos resultados, mais especificamente: (1) a caracterização das amostras com base nos dados recolhidos na escala de Graffar e nos questionários sócio-demográficos; (2) a testagem das hipóteses do estudo e, ainda (3) uma análise complementar sobre os resultados obtidos no *Defense Mechanism Inventory* (D.M.I.). Por fim, no quinto capítulo confrontar-se-ão os dados obtidos com as hipóteses inicialmente formuladas e serão apresentadas a pertinência e as limitações deste estudo assim como algumas investigações futuras a realizar neste âmbito.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA

1.1. A remodelação identitária na puberdade e na adolescência

A adolescência é um dos períodos mais agitados da vida humana. Afinal, o adolescente vai ter de se confrontar com alterações significativas, tanto ao nível biológico como psicológico, que terá de assimilar e integrar. Contudo, apesar da inegável importância das alterações físicas, estas não alcançam o nível de impacto das ulteriores.

Perante a adolescência, os jovens confrontam-se com uma panóplia de desafios de natureza psicológica, mais especificamente de carácter emocional, sexual, intelectual e social. Segundo Ramos de Almeida (2007), alguns dos obstáculos que os adolescentes deverão superar, de forma a garantirem um desenvolvimento dito normal são: (1) a interiorização das respectivas alterações físicas; (2) o estabelecimento de um novo tipo de relações, primeiro isossexuais e depois heterossexuais; (3) o aparecimento de um comportamento sexual responsável; (4) a evolução para uma personalidade em equilíbrio com os valores éticos da cultura vigente e (5) a capacidade de planear e orientar as suas actividades futuras. Ainda, a adolescência pode ser descrita como o período em que ocorre: a revivência dos conflitos edipianos; a maturação genital, o assumir ou não da forma corporal sexuada; o luto das imagos parentais; as oscilações entre o investimento objectal e o investimento narcísico e o problema da consolidação da identidade e da definição do papel social (Coimbra de Matos, 2002). Contudo, mediante este quadro de conflitos, vários teóricos psicanalistas destacam a crise de identidade como o problema central da adolescência e como o paradoxo central da psicopatologia desenvolvimental (Braconnier & Marcelli, 2005; Coimbra de Matos, 2002; Houzel & Mazet, 1994; Ramos de Almeida, 2007). No entanto, é durante a infância que a o processo de formação da identidade ganha as suas fundações, que vão constituir o núcleo da identidade, e a partir das quais se vai moldar a identidade futura da criança. Portanto, para compreender a remodelação identitária na adolescência é imperativo conhecer e compreender este processo desde o seu ponto de partida.

2.1.1 A construção da identidade: da infância à adolescência

A identificação consiste num conjunto de operações, essencialmente inconscientes, que determinam o processo de estruturação que ocorre dentro do “self”. Estas operações têm por base a selecção, inclusão e eliminação de elementos provenientes das suas relações privilegiadas, isto é, dos objectos externos, dos objectos internos e de partes do “self” (Braconnier & Marcelli, 2000; Grinberg, 2001; Matos, 2005). Estas identificações, que o Homem vai fazendo ao longo do seu desenvolvimento são o núcleo do processo de construção da sua identidade.

2.1.2. A construção da identidade na infância

Numa primeira fase, a realidade da criança centra-se exclusivamente na relação diádica que mantém com o seu objecto, habitualmente a mãe. Esta é uma relação de natureza fusional e indiscriminada, na qual o objecto tem a função de investir adequadamente na criança, de maneira a promover a constituição do seu “self”. Portanto, é neste contexto unidimensional e essencialmente gratificante, que são realizadas as primeiras identificações, habitualmente designadas de identificações primárias ou de identificações imagoico- imagéticas (Coimbra de Matos, 1996).

Desde muito cedo, a criança é capaz de reconhecer, por intuição, não só os atributos positivos e negativos que lhe são atribuídos como também as expectativas que têm em relação a si. As identificações primárias consistem precisamente na incorporação desses mesmos atributos e expectativas, ou seja, a criança vai-se identificar à maneira como é identificada (Matos, 2005). Contudo, para além de se identificar às imagos que lhe são atribuídas, a criança vai igualmente identificar-se ao objecto, que esta percebe como sendo uma parte de si (Jacobson, 1964).

A qualidade do investimento afectivo maternal irá transmitir à criança a sensação de pertença e bem-estar, que constituirão a principal reserva de libido narcísica (Coimbra de Matos, 2007; Matos, 2005). Ao incrementar a auto-estima da criança, isto é, o seu narcisismo, o objecto vai favorecer a formação de um conceito unificado e continuado do “self” (Jacobson, 1964). Paralelamente, ao proporcionar a sensação de uma união idílica, o objecto vai tornar-se todo poderoso, generoso e sábio aos olhos do Eu, o que conduzirá à idealização deste (Noshpitz, 1994). Como foi anteriormente referido, a criança vai-se identificar com o seu objecto, portanto, ao idealizá-lo e conferir-lhe características onnipotentes, vai igualmente conferir estes atributos a si mesmo, o que leva à constituição da fantasia da onnipotência infantil, à idealização do “self” e, conseqüentemente, à formação do ego ideal (Grinberg, 2001; Ramos de Almeida, 2007). Esta

idealização do Eu é alimentada pelo sentimento de onipotência da criança, em particular pela sua bissexualidade, que não é excessivamente conflituosa face à ambiguidade que pode conservar enquanto o corpo se mantiver impúbere (Braconnier & Marcelli, 2000; Braconnier & Marcelli, 2005). Todavia, é fundamental que a idealização não ocorra numa fase demasiado precoce pois pode levar a identificações narcísicas, visto que ainda não existe diferenciação entre o “self” e o objecto (Jacobson, 1964). Para que a criança não fique fixada neste estágio de desenvolvimento é fundamental que o objecto proporcione experiências de alguma frustração, para além das experiências gratificantes igualmente imprescindíveis. Deste modo, a criança é impulsionada a dar os passos necessários para dar continuidade ao seu desenvolvimento (Chasseguet-Smirgel, 1985). Já as frustrações ou gratificações em excesso nestas primeiras relações poderão induzir fantasias regressivas e o reforço da união entre “self” e o “objecto”, o que atrasará o processo de formação e maturação do ego (Jacobson, 1964).

Portanto, as identificações primárias são fruto das relações precoces privilegiadas entre o Eu e o seu objecto (Coimbra de Matos, 1996). Quanto mais satisfatórias forem estas relações, tanto maior será o sentimento de um Eu contínuo e equilibrado e de uma identidade estável e garantida (Braconnier & Marcelli, 2005). Contudo, as crianças que tiverem falhas ao nível das relações precoces e que experienciem desregulação narcísica poderão exibir mecanismos de defesa rígidos, baseados numa percepção do “self” como ser grandioso e onipotente, recusando-se a reconhecer os seus fracassos pessoais, a projecção das suas experiências negativas nos outros e a exigência de afirmação do seu poder pelo mundo externo (Bleiberg, 1994). Naturalmente, a fase precoce de desenvolvimento em que estas ocorrem confere-lhes uma natureza inconsciente. Como tal, as primeiras identificações, que se vão cristalizar nas profundezas da vida psíquica do Eu, vão, assim, constituir os alicerces da formação do núcleo primário da identidade (Coimbra de Matos, 1996; Matos, 2005).

Neste período, tem igualmente início a formação da identidade sexual, que desempenha um papel nuclear na constituição da identidade. Por identidade sexual entende-se a integração do “self” num dos dois sexos. Esta é construída a partir de um processo contínuo que depende dos mecanismos introjectivos e projectivos. Na infância, a criança intobjecta, assimilando e atribuindo significado às proto-representações que lhe são transmitidas pelos outros, e projecta, atribuindo ao outro o vem dela (Matos, 2005). Portanto, a criança vai ver-se não só como se vê a si mesma mas também como os seus progenitores a vêem a si.

À medida que o desenvolvimento se vai sucedendo, havendo um investimento libidinal e narcísico suficientemente bom da parte do objecto, a criança vai efectuando identificações

selectivas, que se irão tornar partes duradouras e consistentes do Eu. Estas provocarão modificações na criança que a levarão, eventualmente, a tomar consciência de que tem um “self” contínuo e diferenciando do seu objecto (Jacobson, 1964). Para tal, é essencial que a figura materna vá efectuando uma retirada progressiva e que incentive a criança a entrar em contacto com o mundo das coisas e com pessoas diferentes, permitindo assim o exercício do comportamento instintivo e o desenvolvimento das funções do eu. Esta condição é essencial para o desenrolar dito normal do processo de individuação e, conseqüentemente, da construção da identidade (Coimbra de Matos, 2007). Neste período, mais concretamente por volta do segundo ano de vida, ocorre também o desenvolvimento da capacidade de pensar e de simbolizar, o que fornece à criança ferramentas para dominar, controlar e atingir a coerência experiencial. Conseqüentemente, a criança vai ser cada vez mais capaz de criar representações mentais (Bleiberg, 1994).

Segundo a perspectiva de Coimbra de Matos (1996), o passo seguinte na construção da identidade corresponde ao das identificações idiomórficas, que ocorre por volta dos doze a dezoito meses de idade. Estas correspondem à introjecção, pela criança, das suas formas e comportamentos observáveis. O paradigma da identificação idiomórfica reside na identificação sexual, em que a criança vai construir a sua imagem sexuada por reconhecimento próprio dos seus caracteres sexuais externos. Portanto, a criança passa a ser capaz de perceber, por si, a qual dos dois sexos pertence. Esta vai efectuar uma investigação objectiva acerca das diferenças entre os dois sexos, o que irá deixar traços sobre o que é o masculino e o feminino e sobre o que ambos representam simbolicamente. Desta maneira, começa a ser a criança a moldar a sua identidade (Coimbra de Matos, 1996; Matos, 2005).

No seguimento do processo dito normal de desenvolvimento da identidade, surge, por volta dos três a seis anos, a fase classicamente designada de fase genital infantil, momento em que ocorre o conflito edipiano. O Eu, que agora já se encontra diferenciado do seu objecto e que já adquiriu a capacidade de estar só, depara-se com um novo obstáculo. Neste momento percebe que há mais um participante na relação privilegiada que julgava ser exclusivamente sua e do seu objecto: o pai. O lugar do pai é co-construído progressivamente pelo Eu e o objecto durante as interacções precoces, o que permite um contacto precoce com o conceito de terceiridade. Contudo, num primeiro momento, o pai desempenha um papel secundário e parcial, fornecendo apenas suporte e alimento à díade mãe-bebé. O contacto sucessivo com as triangulações parciais pré-edipianas vai constituir o núcleo da organização triangular edipiana. A criança não só passa a representar o pai enquanto indivíduo independente e objecto total, sexuado e portador de um falo como introjecta e integra a representação da relação triangular (Golse, 2007). Ainda, o pai vai surgir enquanto figura

frustradora e separadora, afastando o seu objecto e tomando-o para si (Coimbra de Matos, 2007). Portanto, a criança é confrontada com a necessidade de reconhecer que os seus pais são indivíduos independentes, completos e que têm uma relação um com o outro (Segal, 1997). Na sequência da constatação da relação triádica, a criança vai sentir-se traída pela mãe, o que irá despoletar sentimentos de hostilidade e ciúme em relação a esta. O ciúme traduz as dificuldades que sente ao tentar ultrapassar a relação diádica e em inserir-se na esfera grupal e social (Coimbra de Matos, 2007). Desta maneira, fica montado o palco para o desenrolar do conflito edipiano.

Contudo, apesar da indiscutível importância da constatação da relação triangular, a entrada no estádio edipiano é especialmente marcada pelo reconhecimento, por ambos os sexos, das diferenças estruturais que os distinguem, nomeadamente ao nível da genitalidade. Tal leva ao surgimento da angústia de castração, que se traduz, nas raparigas como inveja do pénis e, nos rapazes, como medo perante a possível perda deste. Desta maneira surge uma das etapas mais emblemáticas ao nível da constituição da identidade na infância: o complexo de Édipo. Nos rapazes, este implica o reforço do investimento libidinal na mãe, o seu objecto de desejo, enquanto nutre sentimentos hostis relativamente ao seu pai, objecto rival na conquista pelo amor do seu objecto libidinal. Já nas raparigas, mediante a decepção de não ter recebido um pénis da sua mãe, há um afastamento da figura materna, pela qual a menina sente um ódio fortemente carregado de culpa, e um investimento libidinal no pai. A mudança de objecto estabelece um novo objectivo para a rapariga: obter do pai o pénis que a mãe lhe recusou (Marcelli, 2005; Ramos de Almeida, 2007). O investimento libidinal no progenitor do sexo oposto anuncia o estabelecimento da heterossexualidade (Jacobson, 1964). Em ambos os sexos, o desejo sexual e a existência de um rival são dados percebidos objectivamente, tanto ao nível externo como interno. Como tal, o incesto e o parricídio/matricídio são intenções espontâneas e reactivas à situação edipiana. No entanto, a criança apresenta logo uma certa contenção relativamente à realização destes desejos. Este retraimento deve-se ao exercício da mesma acção ainda no período pré-edipiano, relativamente à impulsividade erótica e agressiva. Esta contenção, que vai sendo gradualmente desenvolvida desde a relação precoce, é a precursora do superego edipiano, que ficará estabelecido com a resolução do complexo de Édipo (Coimbra de Matos, 2002).

Para além de conter os seus desejos, a criança vai progressivamente renunciar o seu objecto libidinal. Afinal, apesar da criança nutrir ódio e ciúme em relação ao progenitor do mesmo sexo, esta está inevitavelmente ligada a este por laços afectivos poderosos. A agressividade torna-se, assim, fonte de culpabilidade, que se faz acompanhar de fantasmas de punição e castração (Ramos de Almeida, 2007). Consequentemente, a criança vai desistir do seu objecto libidinal, as raparigas

por medo de perderem as mães e os rapazes pela pressão da angústia de castração, e vão procurar identificar-se aos progenitores do mesmo sexo, que vão idealizar e admirar (Marcelli, 2005). Durante o desenrolar do conflito edipiano, a criança vai ainda deparar-se com a sua imaturidade e com a inadequação do seu desejo incestuoso, o que irá reforçar a sua necessidade de renunciar o seu objecto libidinal e de se refugiar na identidade do progenitor do mesmo sexo, como meio de se defender contra o seu inevitável insucesso (Chasseguet-Smirgel, 1985; Coimbra de Matos, 2002). Assim, a criança vai derrubar o conflito edipiano a partir de identificações que lhe vão permitir evoluir para a sua independência e para a sexualidade intensa, criadora e exogâmica (Ramos de Almeida, 2007). Coimbra de Matos (1996) atribuiu a designação de identificação alotriomórfica a estas identificações, que consistem, essencialmente, na introjecção dos atributos, reais ou imaginados, dos objectos. Os pais vão, assim, servir de modelos do funcionamento sexuado e social e de objectos de treino e aprendizagem na relação humana, afectiva e sexuada (Coimbra de Matos, 2007). A partir destas identificações, a libido objectal é transformada em libido narcísica, que se une à energia libidinal retirada das zonas erógenas, permitindo a construção de auto-representações e a expansão das funções do ego. Estas vão ainda colocar a criança em contacto com a realidade, o que lhe permitirá distinguir entre os pais reais e as imagens idealizadas que têm destes. As últimas vão servir de alicerces para a formação do ideal do ego (Jacobson, 1964). No entanto, para um “self” que tenha sofrido falhas nas relações precoces e que, conseqüentemente, se encontre debilitado, a resolução do conflito edipiano poderá não ocorrer dentro dos parâmetros da normalidade. Neste caso, a criança irá continuar ligada ao progenitor do sexo oposto, permanecendo infantil e tornando-se vulnerável à neurose (Ramos de Almeida, 2007).

Este corresponde também ao momento em que a identidade sexual se torna dinâmica no sentido em que a criança vai criar uma panóplia de representações à volta da fantasia da cópula, que irão dar origem a uma matriz representacional sobre o papel do masculino, do feminino e do casal. Esta identificação sexual dinâmica vai mais tarde desempenhar um papel crucial na selecção do objecto sexual (Matos, 2005).

Neste contexto de transformações significativas ao nível do Eu, termina o conflito edipiano e nasce, por fim, o superego. Esta instância deriva essencialmente da incorporação das proibições paternas e consiste numa unidade funcional inconsciente que regula o comportamento de acordo com as respectivas proibições, que se traduzem em princípios éticos internalizados. O superego desempenha um papel crucial na manutenção da identidade, fornecendo um equilíbrio estável nas proporções da energia libidinal, agressiva e neutra e regulando a auto-estima ao manter a harmonia entre os códigos morais e as manifestações do Eu (Jacobson, 1964). Um dos resultados do

estabelecimento do superego é a barreira do incesto, que tem como objectivo proteger a criança da ferida narcísica resultante da constatação da sua impotência na realização da fantasia incestuosa (Chasseguet-Smirgel, 1985). Contudo, se o superego exercer uma pressão moral exagerada, impregnando a criança com exigências inconscientes de perfeição e proibição, a auto-estima decrescerá, visto que dificilmente a criança conseguirá agir em acordo com um regulamento de conduta tão exigente (Kernberg, 2006).

Neste enquadramento insere-se igualmente o surgimento do ideal do ego. O encontro com a realidade que, como já foi referido, ocorre aquando da identificação aos pais, coloca a criança perante a dura verdade de que os pais não são onnipotentes. Perante esta desilusão, a criança vai defender-se idealizando os seus progenitores. As imagens idealizadas que a criança vai internalizar vão espelhar-se no próprio “self”, a partir das identificações que esta vai realizar aos seus pais, dando assim origem ao ideal do ego. Contudo, se no momento da constatação da perda da onnipotência parental o Eu ainda não estiver devidamente diferenciado dos seus objecto, não serão apenas os pais a serem desvalorizados como também o “self” (Jacobson, 1964). Portanto, o ideal do Eu pode ser descrito como a parte do superego que contém as imagens e os atributos que o ego se esforça por alcançar, de maneira a restabelecer o seu equilíbrio narcísico (Laufer, cit. por Braconnier & Marcelli, 2005). Este ideal coloca-se perante o Eu sob a forma de uma esperança e um projecto a concretizar. A criança, na busca de si, irá efectuar várias identificações a objectos distintos. O ideal do ego, ao garantir uma regulação positiva do narcisismo, é uma aquisição imprescindível para dar continuidade ao desenvolvimento do “self” e à construção da sua identidade (Chasseguet-Smirgel, 1985).

Com a resolução do complexo de Édipo, a criança vai recalcar as suas representações sexuais e sublimá-las sob a forma da vontade para aprender (Matos, 2005). Desta maneira surge a fase de desenvolvimento classicamente designada de período de latência. A criança parte assim para a descoberta e conquista do mundo externo e social, aspirando adquirir novos conhecimentos e consolidar atributos da sua personalidade (Coimbra de Matos, 1993). A sublimação das pulsões sexuais para outras áreas de interesse (ex. desporto, cultura) é essencial pois permite que a criança estabeleça laços de socialização diversificados com outros adultos e com os seus pares. Estes deslocamentos de interesse desempenham um papel importante na medida em que permitem o distanciamento dos objectos edipianos e a descoberta de novos estatutos sociais (Braconnier & Marcelli, 2000). Neste período, a criança é também fortemente impregnada de ideais e valores éticos, morais e religiosos (Matos, 2005). Contudo, esta etapa de relativa tranquilidade e

estabilidade das identificações vai em breve terminar com o surgimento da puberdade e da adolescência.

2.1.3. A construção da identidade na puberdade e na adolescência

A puberdade corresponde ao estágio de desenvolvimento em que se instalam alterações físicas e biológicas significativas, nomeadamente os caracteres sexuais secundários. A maturação dos órgãos genitais, assim como de outros caracteres que remetem para a sexualidade genital, vai despertar novamente as pulsões sexuais recalcadas aquando da resolução do conflito edipiano, reavivando o último (Braconnier & Marcelli, 2000; Ramos de Almeida, 2007). O confronto com os desejos edipianos vai exercer uma forte pressão sobre as instâncias psíquicas, especificamente sobre a barreira do incesto. Contudo, o púbere ainda não apresenta neste momento a maturidade psíquica necessária para integrar as suas alterações físicas e lidar com o horror dos seus desejos incestuosos (Braconnier & Marcelli, 2000; Matos, 2005). Caberá ao superego a função de tentar encontrar novos alicerces para batalhar as representações edipianas visto que, com o desenrolar da problemática pubertária, a aliança estabelecida entre o superego e o ego se desfaz. A prova da realidade torna-se assim vacilante, o que constitui a problemática central da organização púbere (Braconnier & Marcelli, 2000). Esta situação pode tornar-se grave quando a excitação pubertária adquire um valor traumático. Neste caso, poder-se-á observar no púbere comportamentos de “acting out”, isto é, de descarga da tensão intrapsíquica para o meio externo. Por exemplo, a relativa liberdade sexual actual, pode levar a que os pubertários encontrem um via directa de descarga no acto sexual. Portanto, a passagem ao acto vai defender o jovem do conflito interiorizado e do sofrimento psicológico associado ao mesmo tempo que impede a maturação do seu ego (Braconnier & Marcelli, 2005). Para Matos (2005), o núcleo da patologia na puberdade tem por base a ausência da figura paterna, física ou simbolicamente. Afinal, cabe ao pai representar o papel da lei e das proibições, impedindo assim o incesto e a passagem à agressividade. Portanto, a ausência da figura paterna corresponde à inexistência do elemento consolidador da identidade sexual, o que conduz ao já referido “acting out”.

Paralelamente, começa gradualmente a desenrolar-se o processo da adolescência. Como já foi referido, esta é uma etapa de desenvolvimento de grande agitação e de muitas alterações, que deverão ser devidamente internalizadas de maneira a permitir que o adolescente possa dar adequadamente o próximo passo significativo na sua formação pessoal: a entrada na vida adulta.

Num primeiro momento, a tarefa do adolescente consistirá em confrontar as transformações pubertárias. Assim, perante um corpo significativamente transformado, o adolescente vai deparar-se com a necessidade de manter um sentimento de continuidade da existência e de integrar estas mudanças no funcionamento psíquico. Tal vai despertar angústia e evocar a identidade narcísica derivante da qualidade das relações precoces. Representações positivas das primeiras relações vão desenvolver no adolescente uma capacidade de “rêverie” e uma certa tolerância ao sofrimento e à conflitualidade. Desta maneira, tenderá a sentir menos dificuldades em enfrentar as tensões psíquicas que o espaço do corpo fantasmado origina. Ainda, a necessidade de integrar a organização pubertária vai evocar a problemática da identidade sexual. A já referida ambiguidade que a criança pode sentir relativamente ao seu sexo deixa de ser sustentável. Assim, com a emergência pubertária, o adolescente é obrigado a renunciar à sua onipotência infantil, isto é, à sua bissexualidade potencial. Neste momento o jovem terá de efectuar uma escolha, podendo a escolha psíquica não corresponder à realidade biológica deste. Afinal, o surgimento de um sexo identificável no corpo implica não só o reconhecimento da identidade sexuada como também a definição das suas identificações sexuais (Braconnier & Marcelli, 2000). A identidade sexual consolida-se, neste período, a partir das experiências com o objecto amoroso. Com o primeiro amor, o adolescente vai adaptar os fantasmas e os símbolos sexuais que adquiriu na infância às exigências sociais e do seu superego. Nesta relação, o componente sexual ainda se encontra rodeado de angústia, proveniente da barreira do incesto, e das condenações levantadas pelas normas sociais. Como tal, a relação com o primeiro amor vai oscilar, de forma hesitante, entre a ternura e a pulsão sexual, o que vai contribuir para o desenvolvimento da capacidade afectiva do adolescente. Contudo, o contacto sexual precoce poderá impedir o desenvolvimento desta (Ramos de Almeida, 2007). Paralelamente, reaviva-se a identidade sexual imagóico imagética, que pode ou não coincidir com a identidade biológica do adolescente. Assim, o estabelecimento da identidade sexual vai depender das crenças de pertença que o adolescente vai estabelecer relativamente à sua adequação biológica, psicológica e social (Matos, 2005).

Com o estabelecimento do corpo num sexo específico, as relações externalizadas e internalizadas com os seus progenitores terão inevitavelmente que se transformar. A maturação sexual que atinge com a adolescência, já não permite que o adolescente conserve a sua inocência no relacionamento com os seus pais. O adolescente vê-se assim confrontado com a necessidade de se separar dos seus pais, embora tal lhe apresente um outro obstáculo: a ambivalência perante a vontade de crescer e o medo de se separar dos seus objectos edipianos e pré-edipianos. Portanto, cabe ao adolescente efectuar o luto das imagos parentais e desidealizar fantasmaticamente os pais.

Esta desidealização representa simbolicamente o homicídio parental, isto é, a apropriação simbólica do adolescente do lugar dos pais, o que lhe vai permitir suprimi-los (Braconnier & Marcelli, 2000). Contudo, o luto das imagens parentais pode ter um efeito contrário ao desejado. Perante a perda iminente dos seus objectos, são evocados os resíduos da infância, o que pode encaminhar o adolescente para a via da regressão, assim como ocorre a perda da capacidade simbólica (Coimbra de Matos, 2002). Se o objecto deixar de estar representado vai tornar-se ausente e, conseqüentemente, o adolescente terá de se vincular aos objectos perceptíveis (Matos 2005). Ainda, mediante a necessidade de se afastar das suas figuras parentais, o jovem vai questionar as gratificações e os recursos narcísicos da infância, em particular os que provêm das imagens parentais. A perda dos objectos idealizados vai assim constituir um forte abalo no edifício narcísico do adolescente (Ramos de Almeida, 2007). Neste momento, as relações sociais ganham maior relevo. O adolescente vai agora procurar a satisfação das suas necessidades no mundo exterior, visto que os pais já não estão totalmente à altura do fazer (Braconnier & Marcelli, 2000).

Nesta etapa de desenvolvimento, a atracção por outros que não os objectos bem como a necessidade de desinvestir da relação com os pais, levam o adolescente a construir uma nova identidade a partir da reorganização das suas identificações. A constituição da identidade irá, doravante, incidir cada vez mais em modelos extrafamiliares, integrando uma parte da identificação com os dois progenitores, em particular com o do mesmo sexo. A base deste trabalho reside, antes de mais, no facto de o adolescente se ver confrontado com as novas esperanças e expectativas que o mundo externo, os seus pais e mesmo o próprio atribuem a si (Braconnier & Marcelli, 2000). Central a este processo é o ideal do ego, que carrega o projecto do ideal do “self”. Para reencontrar o equilíbrio narcísico temporariamente perdido, este componente do superego terá de realizar as seguintes tarefas: (1) ajudar a modificar as relações internas com os objectos primários; (2) ajudar a controlar a regressão do ego e (3) favorecer a adaptação social. Neste sentido, o adolescente vai-se identificar às expectativas que são projectadas sobre si e vai considerá-las uma parte integrante do seu ideal. Este tipo de identificação é habitualmente designado de identificação secundária e consiste num processo em que o Eu identifica com um objecto a nova identidade separada e independente (Rycroft cit. por Grinberg, 2001). Portanto, ao identificar-se ao seu grupo de pares, estes vão tornar-se numa das principais fontes de gratificação e de apoio narcísico ao ego inferiorizado do adolescente. Contudo, o ideal edipiano poderá não estar em conformidade com as expectativas dos congéneres, o que obrigará o ego a escolher entre os dois. Ao optar pela identificação aos pares, o jovem tenta libertar-se dos vínculos aos objectos infantis e edipianos (Braconnier & Marcelli, 2005). Com o desenrolar dito normal da adolescência, o ideal do ego passa

a ser composto por memórias, fantasias, modelos parentais e novos objectos extrafamiliares, que são escolhidos de forma selectiva pelo adolescente. Desta maneira, constrói um ideal interno que vai ao encontro dos seus talentos verdadeiros e à realidade do seu mundo físico e social. O adolescente pode então criar um modelo de um futuro ideal e possível, que pode aspirar alcançar, o que pode resultar num sentimento de maior competência, auto-estima e adaptação (Bleiberg, 1994). Afinal, para além dos novos objecto a que se escolhe identificar, o adolescente deverá também escolher-se a si enquanto objecto de interesse, respeito e estima (Ramos de Almeida, 2007). No entanto, se o Eu se sentir muito afastado do seu ideal, este poderá auto-desvalorizar-se, dando assim origem à vulnerabilidade narcísica (Bleiberg, 1994; McWilliams, 2005).

Efectivamente, a adolescência é uma fase de desenvolvimento que se caracteriza pela conflitualidade e a ambivalência. Contudo, a problemática central deste estágio parece residir na modificação fundamental que o adolescente deve efectuar ao nível da representação que tem de si, isto é, da sua identidade (Houzel & Mazet, 1994; Ramos de Almeida, 2007). Afinal, este é o momento em que o Eu terá de enfrentar os seus ideais primitivos, que derivam das identificações primárias, com ideais mais realistas, que o obrigam a reformular todas as suas representações, entre as quais as que mantêm acerca de si mesmo. Consequentemente, todo o edifício identitário é posto em causa (Matos, 2005). A conquista dos diferentes desafios que são colocados e a remodelação das representações e da identidade representam o sucesso da reorganização identitária e vão assentar as bases da organização da identidade do futuro adulto (Braconnier & Marcelli, 2000). Contudo, o desenvolvimento deste processo nem sempre ocorre de maneira linear e, como tal, podem ocorrer desvios que poderão resultar no fracasso do processo de remodelação identitária.

2.1.4. O fracasso do processo de remodelação identitária

Anteriormente, afirmou-se que para compreender a construção da identidade aquando da adolescência era essencial perceber este processo desde o seu início. O mesmo pode ser considerado relativamente ao fracasso desta. Assim, a qualidade das relações precoces vai desempenhar um processo central na compreensão deste fenómeno.

Segundo Braconnier & Marcelli (2005), quanto mais cedo a criança vivenciar falhas na qualidade ou continuidade do investimento pelo objecto, experienciar rupturas traumáticas ou lhe tenha sido proibida a possibilidade de ensaiar breves separações do seu objecto, permitindo a sua autonomização, tanto maior será o sentimento de fragilidade e/ou incerteza relativamente à

identidade e o objecto será sentido como uma ameaça para o Eu. Portanto, como foi anteriormente referido, gratificações ou frustrações em excesso aquando das relações precoces, constituem ameaças para o desenvolvimento dito normal da identidade (Jacobson, 1964). O colapso propriamente dito deste processo insere-se assim num contexto de falhas profundas nas relações primárias, que irão inevitavelmente provocar e influenciar desvios da normalidade noutras fases de desenvolvimento, alguns dos quais já foram referidos. Estas falhas vão conduzir à abertura de feridas narcísicas no “self”, que serão despertadas sempre que o Eu se sentir ameaçado (Braconnier & Marcelli, 2005). Não havendo um investimento narcísico adequado, o Eu vai ser impedido de continuar a construção da sua identidade. Contudo, nem todas as falhas levam ao colapso deste processo. Este vai depender da flexibilidade dos mecanismos de defesa do “self” (Malpique, 2003).

As defesas psíquicas começam a se estabelecer no comportamento relacional. Posteriormente, estas serão interiorizadas, o que resultará na formação de barreiras internas ao investimento pulsional e à expansão do Eu (Coimbra de Matos, 2007). Estas consistem então em processos adaptativos do ego que regulam as pulsões, organizando assim a relação de objecto, ou seja, que lutam contra experiências que possam ser percebidas pelo Eu como sendo dolorosas ou ameaçadoras (Coimbra de Matos, 2007; Freud, 2006; Mc Williams, 2005). O processo defensivo vai agir sobre as pulsões de três maneiras: (1) distorcendo a sua forma de expressão; (2) limitando o seu acesso à consciência e a sua descarga no agir e (3) adaptando a necessidade instintiva às condições do mundo real. O carácter inconsciente dos mecanismos de defesa encaminha-os para a repetição automática, dando origem a um processo defensivo que pode bloquear a possibilidade de adaptação (Coimbra de Matos, 2007). Portanto, um indivíduo, cujo comportamento manifeste defensividade, procura inconscientemente evitar ou controlar algum sentimento poderoso e/ou assustador assim como manter a sua auto-estima. As defesas são geralmente categorizadas como sendo primárias ou secundárias. As primeiras envolvem as fronteiras entre o “self” e o mundo externo. Para que uma defesa seja qualificada como sendo primária tem de apresentar as duas seguintes características provenientes da fase pré-verbal do desenvolvimento: (1) a ausência da conquista do princípio de realidade e (2) a falta de apreciação de características de separação e constância dos outros externos ao “self”. Por este motivo estas são igualmente designadas de defesas imaturas. Algumas das defesas englobadas nesta categoria são o controlo onnipotente, a idealização, a projecção, a negação e a clivagem do Eu. Já os mecanismos de defesa secundários lidam com fronteiras internas, nomeadamente entre o id, ego e superego ou entre a parte observadora e a parte experiencial do ego. Estas actuam ao nível do pensamento, do afecto, do comportamento ou da combinação destes. Entre os mecanismos de defesa secundários encontram-se

a regressão, a intelectualização, o deslocamento, o “acting out” e a sublimação (McWilliams, 2005). Portanto, quando as falhas ocorrem numa fase de desenvolvimento muito precoce, o indivíduo tenderá a adoptar mecanismos de defesa mais imaturos e inflexíveis e, conseqüentemente, terá maiores dificuldades em garantir o desenvolvimento dito normal do seu “self”. Já os sujeitos que vivenciam falhas num momento mais tardio do seu desenvolvimento tenderão a recorrer a mecanismos de defesa mais maduros e terão, assim, mais recursos para se colocarem no caminho certo, rumo à maturação do Eu. Assim, estes vão desempenhar um papel central na forma como o mundo é percebido e vivenciado e, conseqüentemente, no processo de construção da identidade.

Segundo Ramos de Almeida (2007), pode considerar-se que o adolescente se encontra em risco de deterioração mental quando apresenta uma auto-imagem negativa, isto é, quando apresenta indícios de um investimento narcísico insuficiente. A forma como o adolescente vai tentar compensar as decepções e faltas precoces pode tomar formas distorcidas e impeditivas da maturação do ego.

A patologia narcísica propriamente dita é uma das maneiras mais graves de expressão da falta narcísica do adolescente. Neste caso, o Eu organiza a sua personalidade em função da manutenção da auto-estima pela aprovação do exterior, o que o leva a investir no seu “self”. Contrariamente ao que se possa pensar, esta patologia não surge, à partida, como meio de fixar a grandiosidade infantil mas sim como ferramenta para compensar as decepções precoces. A imagem vai assim substituir a substância. Entre as características presentes nas personalidades narcísicas encontram-se o exibicionismo, a inacessibilidade emocional, fantasias onipotentes e uma necessidade acentuada de desvalorizar o outro (Kernberg, 2006; McWilliams, 2005). Contudo, por trás desta máscara encontra-se um Eu debilitado, envergonhado, auto-crítico e, acima de tudo, aterrorizado perante a sua inferioridade. Os indivíduos narcisicamente estruturados utilizam uma panóplia de defesas psíquicas a fim de se protegerem das suas carências narcísicas. Entre estas encontram-se a idealização e a desvalorização, que acabam por se complementar na medida em que ao se idealizar a si, o indivíduo narcísico terá de desvalorizar os outros. Apesar da inegável importância das outras pessoas para o seu equilíbrio narcísico, a elevada necessidade que tem de confirmar o seu valor pessoal não lhe deixa energia suficiente para desenvolver a capacidade para amar. Assim, o indivíduo narcísico atribui aos outros o estatuto de objectos do “self” e de extensões narcísicas do Eu (McWilliams, 2005). Para além de um amor-próprio e um amor objectal patológicos, o indivíduo narcísico apresenta também um superego deformado. A qualidade patológica desta instância na patologia narcísica deve-se ao facto de esta absorver as camadas

idealizantes dos percussores do superego, isto é, do ego ideal primitivo. Tal resulta na deterioração não só do mundo relacional internalizado como também no enfraquecimento significativo da maturação normal do superego. Neste sentido, o Eu torna-se incapaz de experienciar formas diferenciadas de auto-crítica ou depressão ligeira, isto é, remorsos, tristeza e auto-reflexão crítica. Nesta instância imatura é a vergonha, e não a culpa, que domina. A dependência acentuada que o indivíduo organizado narcisicamente sente em relação à admiração vinda do exterior reflecte este mesmo superego imaturo. As características da personalidade narcísica acima referidas são facilmente observáveis nos adolescentes com organizações desta natureza (Kernberg, 2006). Os jovens que se servem de uma base ilusória de onnipotência para diminuir a vulnerabilidade narcísica vão sentir maiores dificuldades em enfrentar as pressões da adolescência. Este cenário torna-se tanto mais grave pelo facto do adolescente não ser capaz de construir um ideal do ego que se aproxime dos seus talentos e atributos, o que vai apenas aumentar o sentimento de fracasso inerente a esta psicopatologia (Bleiberg, 1994).

Como já foi mencionado, perante o cenário de conflitos e pressões da adolescência, a identidade e o narcisismo do jovem são postos em causa. Assim, quando o ego não atingiu a maturidade necessária para confrontar as angústias deste período, o Eu procura defender-se através de comportamentos de risco. Portanto, estes consistem, essencialmente, em defesas anti-depressivas, independentemente de serem defesas narcísicas, apoiadas num ego ideal primitivo, ou defesas de natureza objectal. As últimas centram-se no sentimento de culpa e traduzem-se sob a forma de “acting in”, isto é, na introjecção dos conflitos para dentro do “self”. Já as defesas narcísicas vão proteger o jovem da dor psíquica, encaminhando-o no sentido do risco e do desafio dos seus limites a partir de actos e atitudes transferenciais ditos heróicos e corajosos (“acting out”; Matos, 2005). Desta maneira, o “self” vai inconscientemente tentar dominar os seus medos e conflitos (McWilliams, 2005). Contudo, este mecanismo de defesa vai igualmente impedir a maturação progressiva do Eu, de tal maneira que o comportamento defensivo pode tornar-se, aos olhos do jovem, a sua única escapatória (Braconnier & Marcelli, 2005). Para perceber o que significam os comportamentos de risco para os jovens é essencial perceber o que estes representam para si (Matos 2005).

Resumidamente, com a entrada na adolescência, o despertar pulsional associado a esta etapa de desenvolvimento vai abalar os edifícios do narcisismo e da identidade do adolescente, podendo inclusivamente provocar desvios no desenvolvimento dito normal do Eu. O sucesso da remodelação identitária exigida neste momento vai depender da qualidade das relações precoces e do narcisismo do adolescente. Assim, quanto mais as relações precoces forem satisfatórias e permitirem um

investimento no Eu contínuo equilibrado, tanto mais o sentimento de identidade será estável e garantido (Braconnier & Marcelli, 2005).

2.2. A construção da idealidade no Eu

Durante a infância mais precoce, é habitual que tanto a criança como o objecto se idealizem um ao outro. Naturalmente, tal ocorre quando as relações precoces são vivenciadas de maneira satisfatória, o que leva o bebé a encarar a figura materna como sendo perfeita e onnipotente. Assim, é nas relações primárias que as estruturas da idealidade se vão cristalizar, fundando as bases da idealização. Contudo, experiências com qualidades antagónicas, isto é de maus cuidados, abandono, negligência e abuso, pode provocar sentimentos igualmente fortes de perda, ferida e medo. Dá-se assim uma desidealização do objecto e consequentemente do “self”, o que provoca a sensação de falta de valor geral (Noshpitz, 1994).

O valor da idealização precoce reside no facto desta promover o desenvolvimento da capacidade de idealizar. Desta maneira, a criança adquire os alicerces necessários para mais tarde elaborar representações internas positivas e negativas. A prevalência de experiências satisfatórias vai suplantar as negativas, o que leva ao predomínio e desenvolvimento dos traços positivos. Mais tarde estas vão desempenhar um papel central nas instâncias responsáveis pela formação e o funcionamento da personalidade. No entanto, se houver mais elementos negativos durante os primeiros meses de vida, então as estruturas da idealidade terão sobretudo uma carga negativa. Esta poderá manifestar-se enquanto uma presença interna desagradável que denegrir e destrói o “self” (Noshpitz, 1994).

Para além da já expressa importância das relações primárias na formação da idealidade, a adolescência também corresponde a uma etapa fundamental no desenvolvimento desta. O perfil precoce das estruturas da idealidade deverá agora ser refinado. Quando o impacto das experiências precoces não foi muito desmedido, o edifício da idealidade é mais flexível e consequentemente capaz de crescer e evoluir. Contudo, se houver falhas precoces severas, as representações poderão tornar-se rígidas e o “self” tenderá a persistir na sua forma infantil. Caberá ao princípio regulador mais forte determinar a forma subjectiva de sentir do indivíduo assim como o seu padrão objectivo de conduta. No caso em que os componentes positivos dominam, estes darão origem ao ideal do ego, que terá a função de guiar, liderar e recompensar o ego (Flynn & Skogstad, 2006; Noshpitz, 1994). Este tipo de idealização do adolescente poderá conduzir a rápidos progressos rumo a uma melhor integração da consciência do corpo e do “self” como também ao investimento em valores

ascéticos, éticos e culturais (Flynn & Skogstad, 2006). Já nas estruturas de idealidade impregnadas de componentes negativos, o ideal negativo tornar-se-á a parte punidora e reprovadora da consciência. Um funcionamento guiado por um ideal negativo pode levar os adolescentes a conduzirem as suas vidas pelo princípio da destruição. Nestes jovens, o mau-estar interno é tão acentuado que adoptam a destruição como meio para aniquilar essa sensação. Neste sentido, externalizam a presença maligna interior de maneira a poderem combatê-la num território mais seguro. Os adolescentes vão assim procurar o castigo externo para fugirem da punição interna. Portanto, a busca do castigo vai reger o funcionamento destes jovens. A tensão e o conflito interior também fazem com que o indivíduo se torne excessivamente centrado em si, pois a necessidade de manter o ideal negativo inconsciente acaba por afogar o “self” nas suas preocupações. Por vezes, a necessidade de fugir deste ideal leva à adopção de uma postura pseudo-positiva, o que se traduz em sentimentos de grandiosidade e orgulho enquanto o ódio pelo “self” fraco atormenta o adolescente por dentro. Entre outras características que podem estar presentes neste tipo de organização observam-se a intolerância ao sucesso e aos elogios, a auto-punição e a ausência de culpabilidade (Noshpitz, 1994).

Assim, é essencial que as estruturas da idealidade dos adolescentes sejam fundamentalmente compostas por componentes positivos de maneira a promover e garantir um desenvolvimento dito normal da formação do “self”. Já perante ideais predominantemente negativos, o jovem verá o caminho do seu desenvolvimento impedido.

2.3. A problemática do Eu ideal e a sua transformação em ideal do Eu

Anteriormente, referiu-se que as relações precoces satisfatórias conduzem à idealização do objecto e, face à indiferenciação existente entre ambos, do “self”, dando origem ao sentimento de onnipotência na criança. Por outras palavras, a criança vai identificar-se ao adulto fantasiado como sendo todo poderoso, introjectando essa qualidade e atribuindo-a a si mesma. Neste contexto, forma-se o Eu ideal, também designado de superego primitivo. Esta instância tem como fim regular o modelo de comportamento que a criança deve realizar para satisfazer o seu ideal narcísico onnipotente (Grinberg, 2001). De maneira a garantir que a criança dá os passos necessários para deixar para trás este funcionamento arcaico, é essencial que o objecto proporcione à criança experiências tanto de frustração como de gratificação. Tal permite que o Eu sinta satisfação

suficiente para desejar ficar ou regressar a esta etapa e, ao mesmo tempo, que sinta a necessidade de dar continuidade ao seu desenvolvimento e evolução (Chasseguet-Smirgel, 1985).

Com o desenrolar do processo de desenvolvimento do “self”, o Eu ideal vai igualmente transformar-se e, eventualmente, atingir uma forma mais madura. As identificações aos progenitores e a conseqüente resolução do conflito edipiano vão dar origem à forma mais evoluída do Eu ideal: O Ideal do Eu. Mais especificamente, para que este se desenvolva, a criança terá de renunciar o desejo de se reunificar com o seu objecto primário, através do incesto, assim como a sua onnipotência infantil (Chasseguet-Smirgel, 1985).

O ideal do Eu consiste num modelo de comportamento a que o sujeito se deve adaptar para responder às aspirações morais que o superego impõe. A função desta instância consiste em regular os sentimentos de auto-estima (o narcisismo) e as suas vicissitudes, como a culpabilidade (Lagache, cit. por Grinberg, 2001). A aquisição deste ideal, também permite que a criança comece tornar-se consciente da realidade envolvente. O ideal do Eu envolve ainda a noção de projecto. O projecto implica o adiamento, o que constitui uma característica de um funcionamento que já se rege pelo referido princípio da realidade. O ideal do Eu é mais maduro no sentido em que motiva o indivíduo a adquirir um ego que integra os componentes das diferentes fases de desenvolvimento. Assim, inclui essencialmente uma panóplia de identificações com modelos diferentes, sendo que estes são renovados nas várias etapas. Os vários objectos a que a o “self” se vai identificar vão transportar o seu narcisismo. Portanto, ao incorporar objectos idealizados, o “self” vai reduzir a margem que o separa do seu ideal. Estas identificações aos modelos externos vão reduzir o espaço que separa o ego do seu ideal das seguintes maneiras: (1) através da aquisição de capacidades reais; (2) a partir da integração dos seus instintos e das suas relações objectais e (3) pela satisfação narcísica que resulta da realização parcial experienciada inconscientemente, ao permitir que o “self” se sinta preenchido. No entanto, isto não torna o ideal do Eu menos exigente, sendo que este continua a aspirar atingir a grandiosidade. A diferença reside no facto do Eu já não se reger em função da necessidade de obter gratificações imediatas e totais (Chasseguet-Smirgel, 1985).

Contudo, este ego maturativo pode ser ofuscado. O incremento do desejo de reduzir a margem que separa o Eu do seu ideal pode levar o “self” a percorrer vias menos adaptativas e que promovem a distorção no desenvolvimento dito normal. Afinal, o superego não é capaz de fazer uma absorção total do ideal. Tal verifica-se no facto dos desejos edipianos serem regidos pelo desejo de alcançar a reunificação com o objecto primário. Por exemplo, nas raparigas, a procura do pai, enquanto objecto no qual investe os seus desejos eróticos, pode facilitar a concretização da vontade desta em se reunificar com a sua mãe. Neste sentido, a menina vai ambicionar ter um filho

do seu pai de maneira a recuperar, na relação com o seu bebé, a sensação de fusão que experimentou com a sua mãe. Naturalmente, a gravidez por que anseia tem um valor simbólico, pois a passagem ao acto numa fase precoce pode levar à desorganização do “self”. Portanto, é fundamental que a criança não experimente a satisfação total das suas necessidades, nomeadamente a união incestuosa com o objecto pré-edipiano. Ainda, a incapacidade do “self” em alcançar o seu ideal, assim como todos os obstáculos com que se depara ao tentar cumprir a sua missão, poderão causar uma regressão até à época da união idílica e do seu narcisismo arcaico, ou seja, ao reinado do Eu ideal (Chasseguet-Smirgel, 1985).

A adolescência corresponde à fase de desenvolvimento em que a vulnerabilidade narcísica atinge o seu auge. Afinal, o adolescente vai-se deparar com modificações a vários níveis (biológico, emocional, entre outros), que impõem um conjunto complexo de exigências adaptativas que este sente não ser capaz de dominar e integrar. Quando o processo de desenvolvimento corre conforme a normalidade, o jovem é capaz de construir um ideal do Eu que usa selectivamente as suas memórias, fantasias, modelos parentais e novos objectos externos. Assim, este vai poder criar um ideal interno que vai ao encontro dos seus talentos e atributos reais, o que lhe permitirá construir um modelo de futuro possível e, conseqüentemente, aproximar-se do seu ideal. Ao estabelecer ideais realistas e alcançáveis, o adolescente terá maiores possibilidades de conquistar, o que resultará num incremento da sua auto-estima e sentimento de competência (Bleiberg, 1994).

No entanto, como já foi referido, as falhas precoces podem distorcer o processo de desenvolvimento do “self”. Nestes casos, os adolescentes podem recorrer ao Eu ideal onipotente para tentar atenuar a vulnerabilidade narcísica, que resulta das já referidas transformações que deve integrar neste período. Tal fará com que os jovens sintam dificuldades em enfrentar as pressões da adolescência. Afinal, a necessidade de se sentirem onipotentes não lhes permitirá tomarem proveito das oportunidades de desenvolvimento desta fase. Estes jovens com funcionamentos narcísicos são incapazes de construir um ideal que vá ao encontro dos seus talentos reais. Não se sentindo capazes de atingirem uma competência e eficácia reais, sentirão ainda mais a necessidade de intensificarem a sua grandiosidade, assim como outros mecanismos defensivos, como meios para protegerem a auto-estima frágil e vulnerável (Bleiberg, 1994).

Face ao exposto, é inegável a importância destas duas instâncias tanto na regulação do narcisismo como na formação da identidade do Eu.

2.4. A maternidade na adolescência enquanto fracasso ao nível da remodelação identitária

A maternidade na adolescência é uma condição de risco no desenvolvimento da jovem e vai inevitavelmente interferir adversamente na sua trajectória desenvolvimental. A compreensão deste fenómeno depende de uma panóplia de factores, nomeadamente psicológicos e sociais.

2.4.1. Aspectos psicossociais da maternidade na adolescência

Em regra, tem-se vindo a verificar que a maternidade na adolescência se insere em contextos desfavorecidos ao nível sócio-cultural. Portanto, o modo de vida e a organização social são muitas vezes desorganizados ou caóticos (Braconnier & Marcelli, 2005; Justo, 2000).

No que respeita ao meio familiar, verifica-se tendencialmente que as famílias vivem em habitações carenciadas, que têm um número elevado de elementos e que apresentam níveis de escolaridade baixos. Ainda, muitas vezes são famílias monoparentais, sendo normalmente a figura paterna que está ausente. Nos casos em que o pai se encontra fisicamente presente é comum observar-se um relacionamento deficitário entre si e os seus filhos (Justo, 2000). Os progenitores destas adolescentes parecem apresentar características particulares. Geralmente, estes podem ser caracterizados como sendo inseguros ou indiferentes ou muito permissivos, tendo habituado os seus filhos a verem os seus impulsos e desejos a serem imediatamente gratificados. Contudo, podem também apresentar a posição contrária, isto é, serem tremendamente exigentes, autoritários e hostis, o que poderá despertar o sentimento de revolta dos filhos (Ramos de Almeida, 2007). Resumidamente, a mãe adolescente parece geralmente inserir-se num quadro familiar conflituoso.

2.4.2. Aspectos psicológicos e psicopatológicos das mães adolescentes

Na perspectiva da teoria psicodinâmica da formação da identidade, é no seio da família que se constroem as características do funcionamento do Eu e que se organiza e estrutura o seu desenvolvimento. Portanto, as jovens que pertencerem a meios familiares instáveis e conflituosos, o que se parece ser um factor evidente na população das mães adolescentes, tenderão a apresentar distorções ao nível do desenvolvimento das suas identidades (Justo, 2000).

No plano psicológico, a gravidez na adolescência traduz, em geral, um profundo mau-estar na adolescente, perturbações na sua identidade sexual ou dificuldades nas relações com os pais (Braconnier & Marcelli, 2000). Estas gravidezes excepcionalmente são planeadas, visto que estas

mães parecem não ter os recursos psicológicos necessários para enfrentar algo tão complexo como a maternidade (Justo, 2000; Ramos de Almeida, 2007; Zongker, 1977).

As mães adolescentes tendem a apresentar características psicológicas que parecem caracterizá-las enquanto grupo. Um dos traços mais evidenciados nestas jovens é a baixa auto-estima (Braconnier & Marcelli, 2005; Zongker, 1977). A desvalorização do “self” parece ser um dos factores que conduz ao agir precoce da sexualidade (Abernethy et al., 1975). Um outro atributo que parece predominar no contexto psicológico destas jovens é a carência afectiva (Braconnier & Marcelli, 2000; Braconnier & Marcelli, 2005; Hart & Hilton, 1988). Ainda, Zongker (1977) realizou uma investigação, acerca do auto-conceito das mães adolescentes, a partir do qual concluiu que estas parecem apresentar defensividade e infelicidade em relação à ligação que mantém com a sua família. Já Hart & Hilton (1988), num estudo acerca das dimensões da organização da personalidade das mães adolescentes, verificaram que este grupo parece apresentar uma grande determinação em não serem negadas, oprimidas e controladas, um desenvolvimento emocional deficiente e uma grande reactividade e dificuldade em controlarem os seus impulsos. Ainda, defenderam que a distorção emocional e os comportamentos impulsivos poderão ter como função proteger as jovens mães de investirem de maneira arriscada em outros objectos. Ao agirem sobre a angústia e desespero que sentem, negam a depressão que o Eu não consegue tolerar face aos recursos limitados que apresenta. Portanto, ao engravidarem, parecem querer fechar as suas feridas narcísicas do passado e aniquilar o sentimento de falta de projecto.

Os impulsos que podem levar as adolescentes a iniciarem precocemente as suas vidas sexuais são múltiplos, sendo de destacar entre estes a procura da identidade e o uso do acto sexual com fins não sexuais (Ramos de Almeida, 2007). No que respeita ao primeiro caso, embora num primeiro momento a gravidez possa parecer um meio de conquista da identidade, esta maternidade precoce conduz sempre a efeitos de ruptura do desenvolvimento. Consequentemente, poder-se-á vir a observar uma rigidificação dos processos identificatórios, uma compulsão de repetição através da rejeição, insucesso, desvalorização e regressões (Braconnier & Marcelli, 2005). Relativamente ao segundo ponto, este pode apresentar finalidades diversas, entre as quais: (1) a afirmação da feminilidade; (2) a competição ou identificação à figura materna; (3) magoar o pai; (4) a auto-punição; (5) compensar carências afectivas; (6) desejo de correr riscos; (7) substituir a ausência de projecto; (8) atacar o corpo em transformação; (9) atacar o vínculo edipiano, seja com a mãe ou com o pai e (10) aceder a ao estatuto de mulher adulta (Braconnier & Marcelli, 2000; Braconnier & Marcelli, 2005; Ramos de Almeida, 2007).

Investigações anteriores parecem indicar que ausência da figura paterna, real ou simbólica, é central para a compreensão deste fenómeno (Zongker, 1977). Segundo Babikian & Goldaman (1971), as mães adolescentes parecem apresentar conflitos edipianos não resolvidos associados esta ausência. Por isso, estas jovens sentem-se impelidas a procurar atenção masculina compensatória, o que pode conduzir a uma passagem ao acto sexual precoce (Miller & Bingham, 1989; Zongker, 1977). Portanto, se a gravidez ocorrer num quadro familiar em que as relações se caracterizem pela ausência da figura paterna, a gravidez poderá ser encarada como um meio para ultrapassar a carência objectal que é própria do funcionamento psicológico das mães adolescentes. Assim, a gravidez vai permitir-lhes alcançar o objecto relacional que esteve este tempo todo em falta (Justo, 2000).

A maternidade na adolescência é assim um fenómeno complexo com os seus traços particulares.

CAPÍTULO 3- OBJECTIVO E HIPÓTESES DO ESTUDO

Este estudo tem como objectivo averiguar se a maternidade na adolescência está relacionada com o fracasso da remodelação identitária.

Atendendo ao que foi apresentado na revisão de literatura, as mães adolescentes parecem apresentar determinadas características psicológicas e sociais que poderão resultar de certas distorções ao nível da construção da sua identidade. Neste sentido, a literatura parece apontar o narcisismo, os mecanismos de defesa e a ausência, real ou simbólica, da figura paterna como variáveis centrais para a compreensão deste fenómeno (Braconnier & Marcelli, 2005; Hart & Hilton, 1988; Zongker, 1977).

A infância é indubitavelmente o palco central onde decorrem as primeiras cristalizações da identidade, que vão constituir os alicerces da construção posterior desta. Portanto, havendo um investimento narcísico e libidinal precoce inadequado, a construção e desenvolvimento da identidade do Eu poderão ser postos em causa. A forma como o “self” vai vivenciar e confrontar as falhas precoces vai depender dos seus recursos narcísicos e dos mecanismos de defesa que empregar. Uma das maneiras como o Eu pode responder é pela manutenção ou regresso ao seu Eu ideal primitivo e onipotente. Atendendo ao que foi referido relativamente ao fenómeno da maternidade na adolescência, parece que este poderá estar relacionado com o tipo de funcionamento mencionado anteriormente. Portanto, pretende-se averiguar se estas adolescentes têm por base um funcionamento onipotente e grandioso, que não lhes impõe limites e que lhes permite agir a angústia interior a partir de actos destemidos e desafiantes. Este tipo de funcionamento representa uma tentativa de negar acentuadas falhas narcísicas. Ainda, a literatura parece apontar para a proeminente ausência, real ou simbólica, do pai nestas jovens, o que se traduz na inexistência das regras e limites que geralmente são transmitidos por este. Pode-se também questionar a influência desta ausência na maternidade precoce, no sentido em que, perante a falta do pai, a jovem pode sentir a necessidade de preencher esse vazio através do acto sexual com uma outra figura masculina. Neste cenário, o funcionamento da adolescente está mais consciente das suas feridas e manifesta-se pela desvalorização sistemática do “self”.

Face ao que foi descrito, estabeleceu-se como variável independente a presença ou ausência da maternidade na adolescência. Já as variáveis dependentes são: (1) o narcisismo; (2) os mecanismos de defesa e (3) a ausência da figura paterna.

Neste sentido, construíram-se as seguintes hipóteses:

1. O grupo das mães adolescentes, quando comparado ao grupo das adolescentes não mães, apresentaria valores altos mais extremados no N.P.I.
2. O grupo das mães adolescentes, quando comparado ao grupo das adolescentes não mães, apresentaria valores baixos mais extremados na escala do N.P.I.
3. O grupo das mães adolescentes apresentaria resultados mais elevados no perfil TAO do D.M.I. do que as adolescentes não mães.
4. O grupo das mães adolescentes apresentaria resultados mais elevados no perfil PRO do D.M.I. do que as adolescentes não mães.
5. No grupo das mães adolescentes verificar-se-ia uma maior incidência de ausência paterna do que no grupo das adolescentes não mães.

CAPÍTULO 4- MÉTODO

4.1. Instrumentos

Para o presente estudo construiu-se um protocolo composto por quatro instrumentos.

4.1.1. Escala de Graffar

A Escala de Graffar (ANEXO I) consiste num instrumento que permite avaliar a condição sócio-económica do contexto familiar. Neste sentido, esta é composta por cinco perguntas que correspondem aos cinco critérios seleccionados para esta avaliação, são eles: (1) profissão; (2) nível de instrução; (3) fontes de rendimento familiar; (4) conforto do alojamento e (5) o aspecto do bairro onde habita. Cada pergunta tem um item que corresponde a cada um dos cinco níveis de classificação social definidos para esta avaliação: (1) alto; (2) médio alto; (3) médio; (4) baixo médio e (5) abaixo da média (Graffar, 1956).

O preenchimento desta escala consiste em assinalar, em cada pergunta, o item que corresponde ao estatuto da família. Nas primeiras três questões, deverão ser fornecidos os dados relativos à figura familiar que exerce a profissão com nível mais elevado e que, conseqüentemente, constituirá a base de classificação da família. Cada item vale o valor que se situa à sua esquerda. A pontuação final será calculada a partir da soma dos valores dos itens seleccionados. A partir da soma total dos pontos obtém-se o escalão que a família ocupa na sociedade, sendo a classificação a seguinte: (1) Classe I, nível alto, família cuja soma de pontos vai de 5 a 9; (2) Classe II, nível médio alto, famílias cuja soma de pontos vai de 10 a 13; (3) Classe III, nível médio, famílias cuja soma de pontos vai de 14 a 17; (4) Classe IV, nível médio baixo, famílias cuja soma de pontos vai de 18 a 21 e (5) Classe V, nível abaixo da média, família cuja soma de pontos vai de 22 a 25 (Graffar, 1956).

4.1.2. Questionário Sócio-Demográfico

Para este estudo foram construídos dois questionários sócio-demográficos (ANEXO II e III), um para cada amostra. Para além dos dados demográficos de base (idade, naturalidade, nível escolaridade, entre outros), concluiu-se, a partir da revisão literária, que seria importante avaliar e comparar determinadas variáveis desta natureza, não só entre as duas amostras como ainda dentro

dos grupos. Visto que a amostra experimental é composta por mães adolescentes, decidiu-se inserir questões relativamente ao início da actividade sexual assim como em relação ao processo da gravidez e maternidade. Ainda, optou-se por criar alguns itens com a finalidade de avaliar o relacionamento com as figuras parentais, especialmente com o pai, e com o pai da criança, dada a relevância atribuída a esta dimensão por vários autores (Babikian & Goldaman, 1971; Justo, 2000; Miller & Bingham, 1989 e Zongker, 1977). Naturalmente, os itens foram adaptados às especificidades de cada uma das amostras, embora mantendo uma estrutura essencialmente semelhante de maneira a permitir a comparação entre ambas.

4.1.3. Narcissistic Personality Inventory (N.P.I.)

O N.P.I. (ANEXO IV) foi criado por Raskin & Hall e consiste num questionário de auto-relato, de escolha forçada, que tem como finalidade avaliar o narcisismo enquanto característica da personalidade. Este instrumento dispõe de um total de 40 itens, sendo que cada um é composto por duas afirmações, uma de carácter narcísico e a outra de carácter não narcísico. Os primeiros avaliam 7 componentes do narcisismo, são eles: a autoridade; a auto-suficiência; a superioridade; o exibicionismo; a dominância; a vaidade e o entitamento. Por cada item de dimensão narcísica assinalado é atribuído um ponto enquanto quando o sujeito selecciona um item de natureza não narcísica não lhe é atribuído qualquer ponto. A pontuação total é obtida a partir da soma dos pontos, sendo que o resultado máximo possível é 40 (Corry et al., 2008, Raskin & Terry, 1988). Relativamente à interpretação dos resultados, muitos investigadores concordam que este instrumento pode identificar indivíduos que apresentem um funcionamento narcísico patológico. Contudo, não existe ainda consenso quanto ao método a utilizar para este efeito (Corry et al., 2008).

Neste estudo optou-se por partir do princípio que o N.P.I. pode efectivamente distinguir entre o narcisismo normal e o narcisismo patológico e que o último pode corresponder a uma atitude onipotente ou um franco sentimento de desvalorização. De maneira a efectuar a avaliar os dois tipos de manifestação do narcisismo, decidiu-se tomar por base a pontuação média obtida pela população feminina neste instrumento na investigação levada a cabo por Corry et al. (2008). Assim, atendendo ao facto de no estudo referido se ter verificado uma pontuação média de 15.82, com desvio padrão de 6.64, na população feminina, considerou-se que os indivíduos que apresentarem pontuações entre 9.18 e 22.46 manifestarão um narcisismo dito normal e equilibrado. Pontuações acima ou abaixo deste intervalo já representam um narcisismo

patológico, sendo que pontuações superiores correspondem a um funcionamento narcísico patológico onipotente enquanto as pontuações inferiores representam um narcisismo que se manifesta pela desvalorização do “self”.

4.1.4. Defense Mechanism Inventory (D.M.I.)

O D.M.I. (ANEXO V) é um inventário de mecanismos de defesa criado por Ihilevich & Glesser. Este tem como fim avaliar as respostas dos indivíduos a situações indutoras de conflito.

A construção deste inventário foi orientada pela teoria psicanalítica, tendo assim sido seleccionadas cinco categorias de mecanismos de defesa a serem contempladas no inventário:

- (1) *TAO- Turning Against the Object*: Nesta categoria, a agressividade é expressa, directa ou indirectamente, por motivos defensivos, criando uma ilusão de poder e controlo sobre as ameaças percebidas. Geralmente, esta é inapropriada ao contexto, exagerada e inflexível. O seu objectivo consiste em manter a respectiva ilusão de domínio e/ou mascarar conflitos internos que são demasiado dolorosos para serem tolerados e confrontados conscientemente. Resumidamente, o sujeito passa de ameaçado a ameaça (Ihilevich & Glesser, 1986; Ihilevich & Glesser, 1991).
- (2) *PRO- Projection*: Nesta categoria, o indivíduo vai projectar atributos e intenções negativas aos outros, sem no entanto haver evidência destes. Desta maneira, pretende justificar expressões de rejeição e hostilidade em relação ao outro e criar a ilusão de controlo sobre as características negativas do “self” (Ihilevich & Glesser, 1986; Ihilevich & Glesser, 1991).
- (3) *PRN- Principalization*: Esta categoria representa a intelectualização enquanto estilo defensivo. Ao utilizar mecanismos de defesa desta natureza, o indivíduo obscurece, reinterpreta ou generaliza o significado de uma ameaça percebida, transformando-a, assim, em algo pessoal e socialmente mais desejável. Desta maneira, separa e reprime o significado emocional das ameaças (Ihilevich & Glesser, 1986; Ihilevich & Glesser, 1991).
- (4) *TAS- Turning Against the Self*: Esta categoria descreve mecanismos de defesa que confrontam os conflitos virando a agressividade contra o próprio sujeito. Ao assumir a culpa pelas situações negativas o sujeito vai bloquear a hostilidade interpessoal. Desta maneira, protege-se de eventuais retaliações vindas do exterior, garante a estabilidade da sua auto-estima e diminui os níveis de ansiedade (Ihilevich & Glesser, 1986; Ihilevich & Glesser, 1991).

(5) *REV- Reversal*: Nesta categoria, o indivíduo responde de forma neutra ou positiva a situações habitualmente frustrantes e conotadas de negatividade. Desta maneira, o indivíduo diminui a experiência consciente de ansiedade perante uma ameaça (Ihilevich & Glesser, 1986; Ihilevich & Glesser, 1991).

O D.M.I. é composto por dez vinhetas, que estão estruturadas de maneira a representarem cinco áreas de conflito, sendo que cada uma é representada em duas histórias. As áreas de conflito abordadas são: (1) situacionais; (2) autoridade; (3) independência; (4) competição e (5) masculinidade ou feminilidade, conforme a população contemplada no questionário. Para cada vinheta há quatro perguntas: (1) “qual seria a sua reação (comportamento real)?”; (2) “se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?”; (3) “que coisas lhe passariam pela cabeça?”; e (4) “como se sentiria e porque?”. O sujeito terá de escolher dois entre os cinco itens de resposta disponíveis para cada questão, o que for mais representativo das suas reações assim como aquele que for menos representativo. As respostas são colocadas numa folha que é fornecida ao sujeito em separado do conjunto das vinhetas. Esta é composta por dez colunas, sendo que cada uma corresponde a uma determinada vinheta. Cada item de resposta apresenta duas alternativas de resposta: “M” mais representativa da sua reação e “L” (menos representativa da sua reação). Assim, para cada pergunta o indivíduo terá de assinalar um “M” e um “L” respectivamente (Ihilevich & Glesser, 1986). A resposta mais representativa é cotada com dois pontos, a resposta menos representativa é cotada com 0 pontos e cada item que não é seleccionado equivale a um ponto. Os resultados de cada categoria de mecanismos de defesa podem alcançar uma pontuação máxima de oitenta, sendo duzentos o limite máximo da pontuação total (Cramer, 1988).

Ihilevich & Glesser (1991) propuseram igualmente diferentes tipos de perfis de acordo com as diferentes categorias de estilos defensivos, reforçando a utilidade clínica deste instrumento. Assim, um tipo de perfil proposto para cada grupo de defesa é o de nível de defesa elevado. Estes são definidos com pontuações iguais ou superiores aos valores determinados para cada categoria, sendo que estes variam se situam entre os 63 e os 65, devendo haver um intervalo de 5 a 7 pontos das outras sub-escalas. Para além dos perfis singulares, foram também construídos perfis que resultam da combinação de duas escalas, tais como TAO e PRO e PRN e VER. Ainda, foram criados perfis de nível de defesa moderada e perfis de nível de defesa baixo. Nestes casos, o perfil de categoria é atribuído por uma redução dessa em relação às restantes. Por fim, existem os perfis *flat*, que representam uma anulação da expressão de defesa.

4.2. Participantes

Atendendo ao facto deste estudo ter por objectivo investigar se a maternidade na adolescência pode resultar de um fracasso ao nível da remodelação identitária, foram seleccionadas duas amostras: a amostra experimental (mães adolescentes) e a amostra de controlo (adolescentes não mães). Desta maneira, pretendeu-se comparar ambos os grupos de maneira a averiguar se as mães adolescentes apresentam características próprias ao nível do seu desenvolvimento que possam influenciar a ocorrência do fenómeno da maternidade. Os dois grupos eram compostos por 16 raparigas, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos. A escolha do intervalo de idade teve por base a população que me foi disponibilizada. Portanto, pode-se classificar as amostras como sendo de conveniência.

As participantes foram recolhidas em diversos sítios. As 16 adolescentes não mães foram disponibilizadas pela Escola Secundária Jacome Ratton, em Tomar. Já no grupo das mães adolescentes, 5 delas foram fornecidas pela Associação Humanidades e as restantes 11 foram angariadas por via de contactos pessoais em Tomar, Lisboa e Porto. Todas as raparigas aceitaram participar voluntariamente neste estudo.

Atendendo ao facto de as participantes provirem de locais e cenários variados, também os instrumentos foram preenchidos em situações divergentes. Assim, no caso das adolescentes não mães, foram disponibilizadas duas turmas do 12º ano, tendo as aplicações decorrido no tempo de aula de cada uma. Quanto às mães adolescentes, as 5 raparigas contactadas pela Associação Humanidades combinaram sessões individuais numa sala que foi disponibilizada pela instituição. Relativamente às restantes mães adolescentes, a aplicação decorreu nas suas casas, em salas vagas e onde fosse possível reunir as condições necessárias para garantir o melhor ambiente alcançável para o preenchimento dos instrumentos.

A aplicação dos instrumentos demorou em média entre os 40 - 60 minutos. No caso de algumas mães adolescentes, foi necessário realizar intervalos para estas atenderem às necessidades dos seus filhos.

4.3. Procedimento

Primeiramente, é de referir que, antes de iniciar qualquer aplicação, confirmou-se a natureza voluntária da participação das adolescentes assim como se garantiu a confidencialidade dos

resultados destas. Ainda, as instruções dos instrumentos foram lidas em voz alta e sempre que possível foram esclarecidas as dúvidas colocadas pelas participantes.

Perante a já referida variabilidade de locais de acesso à amostra, o procedimento e as condições da aplicação dos instrumentos foram igualmente diferentes entre os vários grupos. Assim, no caso das adolescentes não mães, tendo a aplicação decorrido na escola e em tempo de aula, esta foi realizada em grupo. Neste caso, optou-se por entregar um instrumento de cada vez de maneira a poder explicar devidamente cada um e para evitar eventuais confusões com estes. De maneira a posteriormente poder agrupar os instrumentos em função de cada sujeito, optou-se por atribuir um número fictício a cada uma das raparigas. Relativamente ao grupo das mães adolescentes, todas as aplicações ocorreram em situações singulares e, tendo em conta que as raparigas disponibilizadas pela Associação Humanidades estão todas lá a residir, poder-se-á afirmar que todas as mães adolescentes preencheram os instrumentos nos seus lares.

CAPÍTULO 5- ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1. Análise Estatística

Os dados recolhidos foram analisados através do software estatístico *Predictive Analytics Software 18* (PASW Statistics 18 – ex. SPSS). De seguida, será apresentada uma descrição global dos resultados, seguidos da informação relativa à testagem das hipóteses.

5.2. Caracterização da amostra

A caracterização dos participantes foi feita com base nos dados recolhidos através dos questionários sócio-demográficos, construídos propositadamente para este trabalho. Primeiro, é de referir que, face ao objectivo desta investigação, todas os participantes são do sexo feminino. Ainda, como foi mencionado anteriormente, foram seleccionadas duas amostras, sendo cada uma composta por 16 adolescentes, o que resulta num total de 32 participantes em estudo. A média de idades no grupo das mães adolescentes é de 16,50, com desvio padrão de 0,966, enquanto na amostra de controlo a média de idades é de 16,88, com desvio padrão de 0,619. Na Escala de Graffar, as mães adolescentes apresentam uma pontuação média de 4,06, com desvio padrão de 0,575 enquanto as adolescentes não mães obtiveram uma pontuação média de 2,13, com desvio-padrão de 0,806. Assim, em média, as mães adolescentes inserem-se no escalão médio baixo e as adolescentes não mães no escalão médio alto. Tal parece ir ao encontro da já referida tendência para as mães adolescentes se inserirem em contextos sócio-económicos desfavorecidos (Braconnier & Marcelli, 2005; Justo, 2000). Verificou-se também que 87, 5% (28 adolescentes) das participantes são de nacionalidade portuguesa e que apenas 12,5% (4 adolescentes) têm nacionalidade estrangeira. De maneira a tentar perceber se as amostras são representativas da população portuguesa, efectuou-se uma análise às respostas fornecidas relativamente à naturalidade das jovens, tendo-se obtido os seguintes resultados: Tomar, 43, 8% (14 adolescentes); Lisboa, 15,6% (5 adolescentes); Estrangeiro, 9,4% (3 adolescentes); Porto e Abrantes, 6,3% (2 adolescentes cada); Torres Novas, Ferreira do Zêzere, Leiria, Almada, Entroncamento e Setúbal, 3,1% (1 adolescente cada). Os resultados obtidos parecem indicar que as amostras não são representativas.

Relativamente às habilitações literárias, verificou-se que todas as adolescentes não mães têm o 11º ano concluído e, no grupo das mães adolescentes: 3,1% (1 adolescente) tem o 5º ano concluído, 9,4% (3 adolescentes) tem o 6º ano concluído; 15,6% (5 adolescentes) tem o 7º ano concluído; 9,4% (3 adolescentes) tem o 8º ano concluído; 9,4% (3 adolescentes) tem o 9º ano concluído e que 3,1% (1 adolescente) tem o 10º ano concluído. Verificou-se ainda que enquanto todas as adolescentes não mães estudam, apenas 62,5% (10) das mães adolescentes frequentam a escola.

Atendendo ao objectivo do estudo, decidiu-se avaliar igualmente variáveis relacionadas com a sexualidade. Neste sentido, constatou-se que a média de idade de surgimento da menarca no grupo das mães adolescentes é 11,56, com desvio padrão de 1,788, e que no grupo das adolescentes não mães é 11,94, com desvio padrão de 1,237. No que respeita à entrada na vida sexual, esta verificou-se, naturalmente, em todas as mães adolescentes e em 56,25% (9) das adolescentes não mães. A idade média de início da vida sexual nas mães adolescentes é 15,06, com desvio padrão de 0,929, enquanto nas adolescentes não mães é 16,00, com desvio padrão de 0,707. Dentro do grupo das mães adolescentes, constatou-se que: 3,1% (1 adolescente) engravidou aos 14 anos; 12,5% (4 adolescentes) engravidou aos 15 anos; 25% (8 adolescentes) engravidou aos 16 anos e 9,4% (3 adolescentes) engravidou aos 17 anos. Ainda, 81,25% (13 adolescentes) não planeou a gravidez enquanto 18,75% (3 adolescentes) afirmou ter planeado esta. Por último, averiguou-se que tipo de relacionamento as mães adolescentes mantinham actualmente com o pai do filho/a, tendo-se obtido os seguintes resultados: 62,5% (10 adolescentes) afirmou não manter nenhuma relação; 31,25% (5 adolescentes) afirmou que são namorados e 6,25% (1 adolescente) afirmou que são amigos. É ainda de referir que todas as adolescentes não mães afirmaram nunca terem engravidado. De uma maneira geral, as mães adolescentes parecem dar indícios de terem um acesso mais precoce à sexualidade.

5.3. Testagem das Hipóteses do Estudo

5.3.1. Hipóteses 1 e 2

Os resultados obtidos no N.P.I. são apresentados comparando as pontuações médias obtidas no grupo das mães adolescentes e no grupo das adolescentes não mães. Para esta comparação recorreu-se a um teste não-paramétrico, o teste de *Wilcoxon-Mann-Whitney*. A escolha deste teste foi motivada pela necessidade de comparar duas amostras independentes, de pequenas dimensões e com variáveis com escala pelo menos ordinal.

Tabela 1. Resultados Médios Obtidos no N.P.I.

Grupo		N	Mean Rank	Sum of Ranks
NPI	Mães Adolescentes	16	16,06	257,00
	Adolescentes Não Mães	16	16,94	271,00
Total		32		

Analisando a tabela parece verificar-se que os dois grupo se inserem no intervalo do narcisismo dito normal (9.18-22.46). Ainda, não parecem apresentar diferenças significativas entre ambos. A partir do Coeficiente de Correlação de Spearman, verificou-se igualmente que nenhum dos grupos está correlacionado significativamente com o N.P.I.

5.3.2. Hipótese 3 e 4

As hipóteses 3 e 4 referem-se ao resultado médio obtido nos perfis TAO e PRO do D.M.I., esperando-se obter uma pontuação média superior nestes no grupo das mães adolescentes comparativamente ao grupo das adolescentes não mães. Atendendo ao que foi descrito anteriormente, utilizou-se novamente o teste de *Wilcoxon-Mann-Whitney*.

Tabela 2. Resultados Médios Obtidos no Perfil TAO

Grupo		N	Mean Rank	Sum of Ranks
TAO	Mães Adolescentes	16	13,31	213,00
	Adolescentes Não Mães	16	19,69	315,00
Total		32		

No caso do perfil TAO, os resultados parecem ser opostos ao que era esperado. Assim, observa-se que o grupo das adolescentes não mães parece apresentar uma média de resultados no

perfil TAO superior ao das mães adolescentes. Aplicou-se também o Coeficiente de Correlação de Spearman, tendo-se novamente verificado que nenhum dos grupos se encontra correlacionada de forma significativa com este perfil.

Tabela 3. Resultados Médios Obtidos no Perfil PRO

Grupo		N	Mean Rank	Sum of Ranks
PRO	Mães Adolescentes	16	12,91	206,50
	Adolescentes Não Mães	16	20,09	321,50
Total		32		

No que respeita ao perfil PRO, as mães adolescentes obtiveram uma média de resultados mais baixa do que o grupo das adolescentes não mães. Novamente, os resultados parecem não ir ao encontro do que foi enunciado na hipótese 4. No entanto, a partir do Coeficiente de Correlação de Spearman, obteve-se o seguinte resultado:

Tabela 4. Cálculo do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Variável Grupo Mães Adolescentes e o Perfil PRO

			Grupo	PRO
Spearman's rho	Grupo	Correlation Coefficient	1,000	,390*
		Sig. (2-tailed)	.	,027
		N	32	32
	PRO	Correlation Coefficient	,390*	1,000
		Sig. (2-tailed)	,027	.
		N	32	32

Nota: *Correlação é significativa ao nível 0.05.

Verifica-se, assim que parece haver uma correlação significativa, sendo o nível de significância (n.s.) 0.05, entre as duas variáveis.

5.3.3. Hipótese 5

No que respeita à última hipótese, decidiu-se avaliar a ausência paterna a partir dos seguintes itens no questionário sócio-demográfico: (1) “pessoas com quem vive” e (2) “que tipo de relacionamento mantém actualmente com o seu pai?”. Para que estas questões fossem inseridas na variável “ausência paterna”, decidiu-se considerar que esta estava presente nas jovens que afirmassem que não só não viviam com as suas figuras paternas como também mantinham relações negativas ou mesmo nenhuma relação com os seus pais.

Para testar esta hipótese criaram-se duas tabelas de frequências, uma para cada grupo, de maneira a permitir avaliar a incidência desta variável nas duas amostras. Obtiveram-se os seguintes resultados:

Tabela 5. Frequência de Ausência Paterna nas Adolescentes não Mães

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	2	12,5	12,5	12,5
Não	14	87,5	87,5	100,0
Total	16	100,0	100,0	

Tabela 6. Frequência de Ausência Paterna nas Mães Adolescentes

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	14	87,5	87,5	87,5
Não	2	12,5	12,5	100,0
Total	16	100,0	100,0	

Como se pode observar, as adolescentes não mães apresentam menor incidência de ausência paterna (12,5%) do que as mães adolescentes (87,5%). Estes resultados parecem ir ao encontro da

hipótese estipulada. Ainda, realizou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman, tendo se verificado o seguinte:

Tabela 7. Cálculo do Coeficiente de Correlação de Spearman entre as Variáveis Grupo Mães Adolescentes e a Ausência Paterna

			Grupo	Ausência Paterna
Spearman's rho	Grupo	Correlation Coefficient	1,000	,700**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	32	32
	Ausência Paterna	Correlation Coefficient	,700**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	32	32

Nota:** Correlação é significativa ao nível 0.01.

Assim, a maternidade na adolescência parece estar significativamente correlacionada, a um n.s. de 0.01, com a ausência paterna.

5.4. Análise Complementar sobre os Resultados obtidos no D.M.I.

Tendo em conta os resultados observados, decidiu-se que seria interessante verificar os resultados obtidos nos restantes perfis do D.M.I. Assim, utilizou-se novamente o teste de *Wilcoxon-Mann-Whitney*, tendo-se obtido os seguintes resultados: (1) no perfil PRN: mães adolescentes, 17,53 e adolescentes não mães, 15, 47; (2) no perfil TAS: mães adolescentes, 15,31 e adolescentes não mães, 17, 69; (3) no perfil REV: mães adolescentes 21,78 e adolescentes não mães 11,22. A amostra experimental parece assim obter pontuações médias mais elevadas nos perfis PRN e REV do que o grupo de controlo, enquanto o último apresenta, comparativamente ao primeiro, um resultado médio mais elevado no perfil TAS.

Por fim, utilizou-se novamente o coeficiente de correlação de Spearman para verificar se existiam correlações significativas tendo-se apurado que o grupo das mães adolescentes parece encontrar-se correlacionado significativamente, a um nível de significância de 0.01, apenas com o perfil REV.

CAPÍTULO 6- DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

6.1. Discussão dos Resultados

As hipóteses formuladas para este estudo previam, com base na revisão de literatura, que nas mães adolescentes poderia haver um fracasso ao nível da remodelação identitária, que se traduziria em resultados extremados de narcisismo, na utilização de mecanismos de defesa mais primitivos e na ausência da figura paterna. Contudo, a partir da análise estatística, verificou-se que quatro das cinco hipóteses parecem ter sido refutadas.

No que respeita às hipóteses 1 e 2, verificou-se que as mães adolescentes não só não apresentaram valores extremados de narcisismo como também tiveram resultados muito próximos dos da amostra de controlo. Tais resultados vão contra todos os dados recolhidos a partir da teoria e das investigações referidas. A ausência de resultados significativos nesta hipótese poderá resultar da construção do instrumento utilizado para medir esta variável. Segundo Corry et al. (2008), o N.P.I. foca-se apenas no narcisismo observável, o que minimiza a sua utilidade enquanto instrumento capaz de capturar os aspectos multidimensionais desta variável. Ainda, sugerem que o N.P.I. poderia beneficiar da inclusão de novos itens e da utilização de uma escala de *lickert* para o registo das respostas, o que tornaria o instrumento mais completo e eficaz na distinção do narcisismo normal do patológico.

Relativamente às hipóteses 3 e 4, estas parecem ser igualmente refutadas. Afinal, o grupo de controlo obteve, em ambos os perfis, resultados médios superiores aos do grupo experimental, apesar do perfil PRO parecer estar correlacionado significativamente com a maternidade na adolescência. Como foi referido, os perfis TAO e PRO remetem para uma configuração defensiva que parece estar associada a tendências vingativas e destrutivas, ao desrespeito pelos princípios morais e sociais e a uma postura cínica perante os outros (Ihilevich & Glessner, 1991). Estes remetem para um funcionamento que tem por base um Eu ideal primitivo, que pode ficar fixado quando o “self” é confrontado com falhas graves nas suas relações precoces ou que pode ser despertado numa fase mais avançada do desenvolvimento. Muitas vezes, estas defesas de natureza narcísica vão manifestar-se através da passagem ao acto e o comportamento de risco (Matos, 2005). Foi neste sentido que se criaram as hipóteses 3 e 4. Contudo, perante os resultados obtidos, é necessário pensar em outras hipóteses que possam explicar o tipo de funcionamento defensivo que caracteriza esta população. Neste sentido é interessante observar as análises complementares realizadas relativamente ao D.M.I. Observou-se que houve dois perfis nos quais o grupo das mães

adolescentes obteve resultados médios mais elevados que o grupo das adolescentes não mães: o PRN e o REV. Segundo Ihilevich & Glessner (1991), a configuração PRN/REV caracteriza-se por uma tendência para o indivíduo se acomodar socialmente, ser sociável e evitar conflitos e confrontações. Geralmente, sujeitos que apresentam esta configuração têm uma auto-estima adequada e tendencialmente recorrem menos a comportamentos menos maduros perante situações ansiogénicas (regressão). Atendendo a esta descrição, os resultados das mães adolescentes parecem ser contraditórios. Afinal, a maternidade na adolescência corresponde a um comportamento de passagem ao acto, que muitas vezes tem um carácter defensivo, isto é, a finalidade do acto sexual frequentemente não tem como objectivo a simples realização deste. Entre alguns dos motivos que se escondem por trás deste “acting” encontram-se a compensação de carências afectivas, o ataque ao vínculo edipiano, substituir a ausência de projecto, entre outros já mencionados (Braconnier & Marcelli, 2000; Braconnier & Marcelli, 2005; Ramos de Almeida, 2007). Neste sentido, poder-se-á colocar a hipótese de que estas jovens, ao engravidarem, estão a fracassar na tentativa de se defenderem de maneira mais adaptativa dos estímulos que originam a sua angústia interna. Por outras palavras, é como se, perante cenários adversos, o edifício do recalçamento se desmoronasse e a máscara destas adolescentes caísse com ele, o que as impelirá a agir como forma de protegerem a fragilidade interna que as caracteriza. O facto de cederem à passagem ao acto parece indicar que as respostas fornecidas no D.M.I. poderão traduzir não a forma como estas adolescentes funcionam mas sim a maneira como desejariam funcionar, apesar da última não passar de uma fachada. Verificando-se este cenário, seria possível manter o postulado que está na base deste estudo, isto é, que a maternidade na adolescência resulta efectivamente de um fracasso ao nível da remodelação da identidade. Ainda, pode-se levantar outra hipótese. Um estudo realizado por Schamess (1993) pareceu indicar que o processo da gravidez pode ter efeitos benéficos no desenvolvimento do Eu de algumas jovens mães. Neste sentido, pode-se hipotetizar que os resultados obtidos no D.M.I. poderão representar um amadurecimento do Eu, que resulta do processo de gravidez e/ou experiência de maternidade.

Por último, relativamente à hipótese 5, esta parece ser corroborada. Portanto, a ausência paterna, real ou simbólica, parece ser uma variável que efectivamente caracteriza esta amostra. A forma como esta falta se vai traduzir pode ser bastante diversificada. Coimbra de Matos (2002) defendeu que a perda dos objectos pode encaminhar o adolescente para a via da regressão assim como pode resultar na perda da capacidade simbólica. Se a figura ausente é o pai, então atendendo ao último ponto, este deixara de ser representado, o que irá resultar numa necessidade acentuada na adolescente de se tentar vincular a objectos perceptíveis, podendo conduzir à passagem ao acto

sexual (Matos, 2005). Por outras palavras, ao não serem capazes de introjectar os seus pais, estas jovens vão tentar incorporá-los, o que pode ser concretizado, nas suas perspectivas, a partir do acto de ter um filho, sendo que esta criança representará a figura ausente e dar-lhes-á, conseqüentemente, um pai. Nesta linha de pensamento, há ainda investigadores que defendem que esta procura por uma figura masculina compensatória pode estar ligada a conflitos edipianos não resolvidos e reavivados aquando da adolescência, o que tornará as jovens igualmente vulneráveis a uma potencial passagem ao acto sexual (Babikian & Goldman, 1971; Miller & Bingham, 1989; Zongker, 1977). Por último, Matos (2005) defende que a ausência paterna pode-se traduzir na inexistência de leis e de proibições que impeçam a passagem ao acto. Portanto, a falta do pai poderá conduzir ao “acting out”. Portanto, pode-se colocar a hipótese de que a gravidez na adolescência pode resultar de uma ausência de limites que resulta da falha paterna ao nível do desempenho do seu papel no desenvolvimento do Eu enquanto figura que representa a lei e a moralidade. A ausência da figura paterna parece estar assim associada a falhas e distorções na construção da identidade.

6.2. Limitações do Estudo

Uma das limitações centrais deste estudo é a dimensão das amostras. Com amostras mais dilatadas, os resultados poderiam ser mais clarificantes assim como poderiam permitir a realização de outro tipo de análise dos dados recolhidos. Ainda, as diferenças entre as condições de aplicação entre os dois grupos poderão constituir uma variável estranha que poderá ter influenciado as respostas fornecidas pelas participantes.

Podem ainda ser apontadas limitações ao nível dos instrumentos utilizados. Como foi referido anteriormente, o N.P.I. parece apresentar lacunas na sua construção que tornam difícil a interpretação dos resultados. Já os questionários socio-demográficos poderiam ser aperfeiçoados a partir da introdução de novos itens assim como pela remodelação ou remoção de outros.

6.3. Pertinência do Estudo

A pertinência deste estudo reside no seu potencial para identificar variáveis que possam ser centrais para um conhecimento mais aprofundado do fenómeno da maternidade na adolescência. Ao tentar perceber se efectivamente existe um fracasso na remodelação identitária destas jovens, procura-se igualmente pistas de alerta que poderão ser essenciais para uma acção pela prevenção.

Portanto, ao obter um conhecimento mais aprofundado sobre as variáveis envolvidas neste fenómeno, poderá ser possível identificar jovens que possam estar em risco de se servirem de uma passagem ao acto sexual precoce como meio de atenuarem as suas angústias internas.

6.4. Futuras Investigações

Relativamente a trabalhos futuros a realizar neste âmbito, será importante realizar estudos nos quais se possam novamente avaliar as variáveis identificadas nesta investigação, embora com condições que infelizmente não foram alcançadas nesta (ex. amostras representativa e com dimensões adequadas, instrumentos mais ajustados, entre outros). Parece ainda que poderá ser interessante fazer um estudo longitudinal que avalie as jovens durante todo o processo de gravidez (desde o momento em que recebe a notícia até ao parto) e a maternidade, indo de encontro aos resultados obtidos na investigação de Schamess (1993), que apontam para um possível amadurecimento do Eu após a passagem por todo o processo envolvido em dar vida a um novo ser. Por último, a compreensão do fenómeno da maternidade na adolescência e o possível fracasso na remodelação identitária associado a este, poderá beneficiar de um aprofundamento sobre a forma como a ausência paterna se manifesta nesta população. Portanto, seria interessante averiguar, por exemplo, o impacto da falta da figura paterna, real ou simbolicamente, nos diferentes momentos de construção da identidade ou as representações do masculino nestas jovens.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, J. M. R. (Eds.). (2007). *Adolescência e maternidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Babikian, H. & Goldman, A. (1971). A study in teen-age pregnancy. *American Journal of Psychiatry*, 128, 755-760.
- Bingham, C. R. & Miller, B. C. (1989). Family configuration in relation to the sexual behavior of female adolescents. *Journal of Marriage and the Family*, 51, 449-506.
- Bleiberg, E. (1994). Normal and pathological narcissism in adolescence. *American Journal of Psychotherapy*, 48 (1), 30-51.
- Braconnier, A & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*.(M. M. C. Fernandes, Trad.). Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1998)
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2005). *Adolescência e psicopatologia*.(F. Fonseca & R. Rocha, Trad.). Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1983)
- Chasseguet- Smirgel, J. (1985). *The ego ideal*. London: Free Association Books.
- Coimbra de Matos, A. (1993). Em redor da latência sexual. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 7-13.
- Coimbra de Matos, A. (1996). Percursos da identidade: Processos transformadores. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 11, 23-33.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência: O triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Climepsi: Lisboa.
- Coimbra de Matos, A. (Eds.) (2007). *O desespero: alguém da depressão*. Lisboa: Climepsi.

- Corry, N; Merritt, R. D.; Mrug, S. & Pamp, B. (2008). The factor structure of the Narcissistic Personality Inventory. *Journal of Personality and Assessment*, 90 (6), 593-600.
- Cramer, P. (1988). The Defense Mechanism Inventory: A review of research and discussion of the scales. *Journal of Personality Assessment*, 52 (1), 142-164.
- Flynn, D. & Skogstad, H. (2006). Facing towards or turning away from destructive narcissism. *Journal of Child Psychotherapy*, 32 (1), 35-48.
- Freud, A. (2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. (F. F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (obra original publicada em 1936)
- Golse, B. (2007). *O ser-bebê: As questões do bebê na teoria da vinculação, na psicanálise e na fenomenologia*. (M. C. Fernandes, Trad.) Lisboa: Climepsi. (obra original publicada em 2006).
- Graffar, M. (1956). Une méthode de classification sociale d'échantillons de population. *Courier*, 6, 455- 459.
- Grinberg, L. (2001). *Teoria da identificação*. (A. G. Santos, Trad.) Lisboa: Climepsi. (obra original publicada em 1976).
- Hart, B. & Hilton, I. (1988). Dimensions of personality organization as predictors of teenage pregnancy risk. *Journal of Personality Assessment*, 52 (1), 116-132.
- Ihilevich, D. & Glesser, G. C. (1986). *Defense mechanisms: Their classification, correlates, and measurement with the Defense Mechanism Inventory*. Owosso, Michigan: DMI Associates.
- Ihilevich, D. & Glesser, G. C. (1991). *Defenses in psychotherapy: The clinical application of the Defense Mechanism Inventory*. Owosso, Michigan: DMI Associates.

- Jacobson, E. (1964). *The self and the object world*. New York: International University Press.
- Justo, J. (2000). Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebês adolescentes: Causas, consequências, intervenção preventiva e não só. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2 (2), 97-147.
- Kernberg, O. (2006). *Agressividade, narcisismo e auto-destrutividade na relação psicoterapêutica*. (P. Câmara, Trad.). Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 2004).
- Malpique, C. (2003). *O fantástico mundo de Alice: Estudos sobre a puberdade feminina*. Lisboa: Climepsi.
- Marcelli, D. (2005). *Infância e psicopatologia*. (F. Fonseca & R. Rocha, Trad.). Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1982)
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Mazet, Ph. & Houzel, D. (1994). *Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*. Paris: Maloine.
- McWilliams, N. (2005). *Diagnóstico psicanalítico: Compreender a estrutura da personalidade no processo clínico*. (F. Andersen, Trad.). Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1994)
- Noshpitz, J.D. (1994). Self-destructiveness in adolescence. *American Journal of Psychotherapy*, 48 (3), 330-344.
- Raskin, R. & Terry, H. (1988). A principal-components analysis of the Narcissistic Personality Inventory and further evidence of its construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (5), 890-902.
- Segal, H. (1997). Le complexe d' Oedipe aujourd'hui. In Gleissmann, G. & Houzel, D. (Eds.) *L'enfant ses parents et le psychanalyste*, (pp. 83-92).

-Schamess, S. (1993). The search for love: Unmarried adolescent mothers views of and relationships with men. *Adolescence*, 28 (11), 425-438.

- Zongker, C. E. (1977). The self concept of pregnant adolescent girls. *Adolescence*, 7, 477- 488.